

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO

PEDRO RODRIGUES AMORIM CORREA

MEMÓRIAS DE UM GIGANTE
Lembranças dos Torcedores Mineiros sobre os
anos iniciais do Estádio Mineirão

Ouro Preto
2025

PEDRO RODRIGUES AMORIM CORREA

MEMÓRIAS DE UM GIGANTE

**Lembranças dos torcedores mineiros sobre os
anos iniciais do Estádio Mineirão**

Monografia apresentada à Escola de
Educação Física, da Universidade Federal de
Ouro Preto, como requisito parcial para a
obtenção de título de
licenciado em Educação Física

Orientadora: Prof. Dra. Priscila Augusta
Ferreira Campos

Ouro Preto

2025



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
REITORIA
ESCOLA DE EDUCACAO FISICA
DEPARTAMENTO DE EDUCACAO FISICA



FOLHA DE APROVAÇÃO

Pedro Rodrigues Amorim Correa

Memórias de um Gigante: Lembranças dos torcedores mineiros sobre os anos iniciais do Estádio Mineirão

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovada em 15 de agosto de 2025

Membros da banca

Doutora - Priscila Augusta Ferreira Campos - Orientadora - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Silvio Ricardo da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto
Doutor - Bruno Ocelli Ungheri - Universidade Federal de Ouro Preto

Priscila Augusta Ferreira Campos, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 22/08/2025



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Augusta Ferreira Campos, CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, em 22/08/2025, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0965050** e o código CRC **0DBD8168**.

Referência: Caso responda este documento, indicar expressamente o Processo nº 23109.007037/2025-12

SEI nº 0965050

R. Diogo de Vasconcelos, 122, - Bairro Pilar Ouro Preto/MG, CEP 35402-163
Telefone: (31)3559-1518 - www.ufop.br

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer à minha família por me formar como sou hoje. Não me vejo em outro personagem a não ser esse: um apaixonado por esportes.

É importante falar aqui sobre o Estádio Mineirão. Este trabalho é, também, uma homenagem a ele, que considero como uma segunda casa. Frequento o Mineirão nos jogos — gosto de chegar bem antes do início para viver toda a atmosfera do evento —, nos dias sem jogo, apenas para caminhar pela esplanada quando estou em momentos difíceis, e também em visitas ao museu. Mesmo quando passo apenas pelas ruas do entorno, já é especial. Um agradecimento especial também a todos os entrevistados!

Neste espaço, preciso dedicar um agradecimento especial ao meu pai, Luiz Otávio, a pessoa mais incrível do mundo. Somos muito ligados desde o dia em que nasci. Ele nunca desistiu de mim e dos meus irmãos, e se não fosse por ele, nenhum de nós conseguiria seguir com firmeza na jornada da vida. Até neste trabalho, ele esteve ao meu lado com conselhos e sugestões. Te amo, pai! Você é a melhor pessoa deste mundo.

Era necessário dedicar um parágrafo ao meu pai, mas também preciso homenagear minha avó materna, Edite. Outra pessoa essencial na minha vida, que hoje enfrenta dificuldades de saúde. Só ela, meu pai e meus irmãos sabem o que vivemos juntos — nos momentos difíceis e também nos felizes. Ela sempre buscou nos proporcionar o melhor possível. Sou profundamente grato, e sei que, se estivesse em plena saúde, ficaria muito feliz por este momento.

Inúmeras pessoas da minha família merecem estar aqui, mas é impossível não destacar minha avó Airosa (te amo), minha madrinha Simone, minha madrastra Luciana, e minhas tias Isabella, Fabiana e Christiane. Vocês não imaginam o quanto são fundamentais na minha vida. Sou muito grato pela forma como me acolheram. Ainda bem que tenho vocês! Lhes amo!

Agradeço também à minha orientadora Priscila, a professora com quem mais me identifiquei desde o início da graduação. Ela me apoiou, me deu algumas oportunidades durante o curso e me direcionou a este tema. Estendo os agradecimentos aos professores Silvio, Bruno e André, com quem construí não só relações acadêmicas, mas de amizade. Obrigado por tanto, professores!

SUMÁRIO

1. Introdução.....	08
1.1 Objetivo geral.....	11
1.2 Objetivos específicos.....	11
1.3 Justificativa.....	11
1.4 Metodologia.....	12
2. O Início de um Gigante.....	14
3. O Divisor de Águas para Minas Gerais	20
3.1 A Importância do estádio para a cidade de Belo Horizonte.....	21
3.2 A Importância do estádio para o Futebol Mineiro.....	25
4. O Armazém de Memórias.....	30
5. Torcendo no Gigante.....	42
6. Considerações Finais.....	53
7. Referências.....	54
8. Apêndice.....	58

RESUMO:

O Estádio Mineirão é um inestimável palco de memórias para aqueles que o frequentam. Ele faz parte do simbólico conjunto arquitetônico da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer na década de 1940, mas que sofria com problemas de distância do centro de Belo Horizonte. Pouco antes da sua inauguração, o futebol mineiro, que tinha o Estádio Independência como sua maior sede, sentia-se inferior aos pólos futebolísticos brasileiros da época: Rio de Janeiro e São Paulo. Em 5 de setembro, o “Gigante da Pampulha” foi inaugurado, alterando não apenas a urbanização da região e da cidade, mas também o sentimento dos torcedores. Portanto, a pesquisa teve como objetivo analisar as percepções dos torcedores sobre o impacto do Mineirão para o futebol mineiro. A metodologia, de abordagem qualitativa, utilizou a história oral coletiva e sete entrevistas semiestruturadas para captar as experiências de pessoas nascidas até 1970 com o estádio em seus primeiros anos. Todos os participantes que vivenciaram o pré e o pós-Mineirão o relataram como um marco para o desenvolvimento do futebol local, sendo essencial para o crescimento de Cruzeiro e Atlético. Quanto à relação de inferioridade, os entrevistados relataram que não viam mais motivos para sentir “inveja” ou inferioridade dos paulistas e cariocas, classificando o estádio como a “redenção da lavoura”. Para as mulheres, o Mineirão significou uma inclusão no ambiente futebolístico, embora houvesse muitos casos de objetificação e menosprezo, principalmente em seus anos iniciais. É importante frisar que a maioria dos entrevistados já não se sente confortável em suas idas ao estádio devido ao medo da violência, da qual já foram vítimas ou testemunhas. Por fim, o Mineirão é um palco de muitos laços de sociabilidade, entre família, amigos e cônjuges, fazendo dele um centro de memórias, lembranças, nostalgia e liberdade é o maior palco do futebol mineiro e abriga, dentro dele, muitas histórias.

Palavras-chave: Mineirão; Belo Horizonte; Memórias; Futebol; Torcedores

ABSTRACT

Mineirão Stadium is an invaluable venue for memories for those who frequent it. It is part of the symbolic Pampulha architectural complex, designed by Oscar Niemeyer in the 1940s, but it suffered from distance from downtown Belo Horizonte. Shortly before its inauguration, Minas Gerais football, which had the Independência Stadium as its main venue, felt inferior to the Brazilian football hubs of the time: Rio de Janeiro and São Paulo. On September 5th, the "Giant of Pampulha" opened, changing not only the urbanization of the region and the city, but also the sentiment of its fans. Therefore, the research aimed to analyze fans' perceptions of Mineirão's impact on Minas Gerais football. The methodology, a qualitative approach, used collective oral history and seven semi-structured interviews to capture the experiences of people born before 1970 with the stadium in its early years. All participants who experienced the pre- and post-Mineirão stadium described it as a milestone in the development of local soccer, essential for the growth of Cruzeiro and Atlético. Regarding the sense of inferiority, the interviewees reported that they no longer saw any reason to feel "envy" or inferiority toward the São Paulo and Rio de Janeiro residents, classifying the stadium as the "redemption of the farm." For women, the Mineirão represented inclusion in the soccer environment, although there were many instances of objectification and contempt, especially in its early years. It is important to emphasize that most interviewees no longer feel comfortable going to the stadium due to fear of violence, of which they have either been victims or witnesses. Finally, the Mineirão is a stage for many social bonds, among family, friends, and spouses, making it a center of memories, memories, nostalgia, and freedom. It is the largest stage in Minas Gerais soccer and harbors, within it, many stories.

Keywords: Mineirão; Belo Horizonte; Memories; Football; Fans

CAPÍTULO 1 - INTRODUÇÃO

*Do nada, o gigante;
Do silêncio, o frenesí;
Da noite fria, o esplendor de luzes;
Da natura morta, o despertar de emoções;
Do crepúsculo de sombras, o alvorecer dos sóis;
Passarela do porvir do esporte em Minas. Magalhães Pinto e Gil Cesar,
legendas eternas do gênio criador da gente mineira.
Aos heróis da monumental batalha do estádio, a homenagem da
Rádio Guarani*
¹B. Hтє. 5-9-1965*

Em Minas Gerais, apenas uma praça esportiva já abrigou mais de 120 mil pessoas em uma única partida de futebol, essa praça é conhecida popularmente como Mineirão. Já foi palco de 6 partidas de Copa do Mundo FIFA, no ano de 2014, já sediou uma partida de Mundial de Clubes, em 1976 (o jogo entre Cruzeiro e Bayern de Munique), já foi palco de 4 finais de Libertadores, além de abrigar as partidas dos clubes da capital Atlético, Cruzeiro em seus principais títulos nacionais e internacionais. O estádio, além de ser importante para a cultura futebolística da cidade, é um grande monumento arquitetônico, principalmente para a região em que se localiza: a Pampulha.

A integração do Mineirão com o complexo esportivo e cultural da Pampulha inclui obras de Oscar Niemeyer e reforça a importância do estádio não apenas como uma arena esportiva, mas como um elemento chave na composição do patrimônio arquitetônico e urbanístico de Belo Horizonte. O “Gigante da Pampulha”, como é conhecido pelos mineiros, se destaca principalmente por sua fachada, que é um elemento arquitetônico icônico, preservado até mesmo durante a reforma, protegido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) mantendo assim, o valor histórico e cultural.

O Mineirão foi considerado “um grandioso empreendimento, de grande imponência e beleza arquitetônica e chamou a atenção para a capacidade empreendedora do povo mineiro” (CAMPOS, 2016, p.86). O estádio é valioso para

¹ Epígrafe retirada de uma placa posicionada no Museu do Futebol do Estádio Mineirão, em Belo Horizonte. A frase foi elaborada e dita no dia da inauguração do estádio.

a cultura dos mineiros, principalmente aqueles apaixonados por futebol, além de fazer parte de uma estética urbanística que enriquece a paisagem belorizontina e principalmente da região da Pampulha. Concordamos com Lott (2020) quando ela diz

para a construção de uma identidade nacional em torno do futebol, os suportes de uma memória coletiva não são apenas as gloriosas vitórias. O processo de formação de uma identidade abarca as vitórias, as derrotas, os personagens, os monumentos que irão interligar o passado e o presente por meio de elementos afetivos (LOTT, 2020, p.2.).

Assim dizendo, as memórias principalmente das partidas de futebol não se baseiam apenas em vitórias, mas envolve um conjunto mais amplo de elementos. Para formar essa identidade, é necessário considerar tanto as vitórias quanto as derrotas, bem como os personagens, as experiências vividas pelos sujeitos. Então, é relevante tratarmos os estádios além de patrimônios materiais, como uma definição multifacetada, assim relata por Damo (2021)

A definição de estádio precisa exceder a infraestrutura de cimento e ferro em formato elíptico ou retangular. Quando pensado em sua existência plena, o que conta é a edificação, mais o público e o jogo; não se trata, pois, de um objeto, antes uma entidade que articula um conjunto extenso de relações estéticas e políticas, com variações de época e de propósitos. É o mínimo que se pode esperar de uma definição concisa de estádio, qualquer que seja: que dê conta desta interação multifacetada, que transborde as dicotomias entre o material e o imaterial, que seja apreendido como um monumento das cidades contemporâneas e um território onde são produzidas, irradiadas e consumidas algumas dentre as mais eloquentes formas de emoções coletivas da modernidade. Estádios são territórios onde se encontram o jogar e o torcer, num registro espetacularizado (DAMO, 2021, p. 214).

O autor garante que o centro esportivo deve ultrapassar as barreiras físicas e estruturais, sendo definido também, pelo o que significa aquele ambiente para a sociedade que ele está inserido. O estádio deve ser entendido como um monumento das cidades e um território onde são produzidas, vivenciadas e consumidas algumas das formas mais expressivas de emoções pessoais e coletivas. Sendo assim, o Mineirão é um inestimável cenário de lembranças para aqueles que o frequentam.

A construção do estádio representou um momento de transformação, não só para o esporte, mas também para a identidade e sociabilidade dos torcedores e da comunidade mineira e principalmente belo-horizontina. Diante desse contexto, surgem questões sobre como a inauguração do Mineirão e os eventos iniciais desse centro esportivo influenciaram as experiências dos torcedores e como essas experiências contribuíram para a construção de uma memória coletiva e identidade cultural ao longo das décadas.

Em setembro de 2025, o Mineirão completará 60 anos. Diante do exposto, percebemos a necessidade de registrar e refletir sobre as experiências que as pessoas têm nos estádios de futebol; no caso específico, no Mineirão. Compreendemos, também, a importância de mantermos “vivas” as memórias destes espaços. Contamos hoje com poucos registros sobre as redes de sociabilidade que ocorriam no “Antigo Mineirão”.

O futebol, na perspectiva de um fenômeno esportivo, dialoga com todo um contexto circundante, influenciando e sendo influenciado pela dinâmica social ao seu entorno. Aspectos como economia, política, trabalho e lazer se entrecruzam com o universo futebolístico, criando um espectro de análises e variáveis sociais múltiplas. Prospectar um protagonismo a este objeto representa um esforço de compreensão que corrobora a lógica de que o conhecimento também se produz nos intervalos das práticas cotidianas.

Este trabalho tem uma relevância social, pois se propõe a documentar e analisar as memórias e experiências de uma geração de torcedores que vivenciaram os primeiros anos do Estádio Mineirão, um emblemático palco do futebol brasileiro. A pesquisa preserva as memórias coletivas culturais dos mineiros. Além de contribuir para manter viva a importância dos estádios de futebol como centros de sociabilidade, onde práticas culturais, emocionais e sociais se juntam pelo futebol.

Nesta linha, a pesquisa busca descobrir quais foram as interpretações e narrativas dos torcedores que frequentaram o estádio desde seus primeiros anos. De que forma o Mineirão influenciou a cultura de torcer e a sociabilidade dos mineiros? Como a construção e inauguração do Estádio Mineirão instigou as percepções, experiências e a sociabilidade dos torcedores? Qual a importância

dessas transformações para a memória coletiva e identidade cultural da população de Belo Horizonte?

1.1 Objetivo geral

Analisar as percepções que os torcedores têm sobre o impacto do Mineirão para o futebol mineiro.

1.2 Objetivos específicos:

- Compreender a importância do Mineirão para a sociabilidade dos torcedores.
- Identificar as mudanças na forma do torcer, provocadas pela inauguração do Mineirão.

1.3 Justificativa

A inauguração do Mineirão, em 1965, representou mais do que a construção de um novo monumento na cidade de Belo Horizonte. Ela, possivelmente, mudou as formas de torcer, as práticas de sociabilidade, os costumes e ampliou experiências afetivas dos torcedores em Belo Horizonte, o “fato novo” na cidade pode ter até, alavancado o nível do futebol mineiro. Compreender essas transformações exige pensar as dimensões da memória, de identidade e até mesmo o sentimento de grandeza e pertencimento da população.

Para Jacques Le Goff (1990), a memória não é apenas a evocação do passado, mas uma construção social que se transforma no presente. Ele afirma que a memória histórica é moldada pelas relações de poder, pela cultura e pelas experiências compartilhadas. Essa concepção é especialmente relevante quando se observa como os torcedores constroem significados sobre o Mineirão a partir de suas vivências e lembranças, experiências que vão além do campo de jogo, alcançando o cotidiano, o corpo e a cidade.

Ecléa Bosi (1994), em *Memória e Sociedade*, reforça a ideia da memória como forma de resistência. Ao coletar as lembranças de pessoas idosas sobre espaços da cidade, ela revela como os vínculos afetivos com certos lugares, mesmo transformados, permanecem vivos na subjetividade. Essa abordagem

contribui para compreender o papel simbólico do Mineirão como lugar de memória. A experiência do torcedor é, portanto, uma construção narrativa que dialoga com contextos sociais mais amplos. Nesse sentido, as falas dos entrevistados resgatam sentimentos de pertencimento e afetos em torno da do estádio, e o que ele representou na forma de torcer, conviver e rituais. A literatura especificamente sobre o Mineirão reforça essas reflexões. Para Georgino Jorge de Souza Neto (2017), a construção do estádio marcou a consolidação de um novo ordenamento urbano e simbólico em Belo Horizonte, alinhado a ideais de modernização. A edificação na região da Pampulha alterou fluxos, redesenhou paisagens e promoveu novos sentidos de pertencimento ao espaço urbano. Nesse processo, o futebol deixou de ser apenas um espetáculo para se tornar também uma experiência.

Além disso, como demonstram em seu texto, Ferreira e Silva (2017), o Mineirão permitiu a ascensão dos clubes mineiros ao cenário nacional, fortalecendo o sentimento de orgulho regional e impulsionando novas formas de apropriação simbólica do futebol na capital. O estádio tornou-se um marco tanto na dimensão esportiva quanto na social e cultural da cidade.

Assim, torna-se possível compreender o Mineirão não apenas como um monumento vazio, mas como um lugar de memória coletiva e de construção de identidades. O estádio é banhado por dias históricos, transformações urbanas ao redor dele, sentimentos de pertencimento e lembranças afetivas. Ele constitui um ponto interessante para a análise das formas de sociabilidade que o esporte pode transformar. O futebol não é só futebol!

1.4 Metodologia

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, uma vez que o enfoque será na compreensão das percepções dos participantes que colaboram com a pesquisa, com base em suas próprias perspectivas (MARTINS, p. 91 2004).

Este é um trabalho de história oral coletiva, definida por Delgado (2003), como:

Uma experiência através da qual se compartilha o registro das lembranças, transforma a narrativa em processo compartilhado que inclui em si as seguintes dimensões: estímulo ao narrar, ato de contar e

relembrar e disponibilidade para escutar. Fala, escuta e troca de olhares compõem a dinâmica desse processo único e essencial à vida humana, pois não se vive em plenitude sem a possibilidade de escutar, de contar histórias e de se apreender sob a forma de conhecimento, ou melhor, de sabedoria, o conteúdo narrado. As narrativas produzidas pela história oral incluem-se entre as narrativas históricas, que se distinguem das narrativas épicas, que são lendárias, atemporais. (DELGADO, 2003, p.15)

Sendo assim, explorando o meio de memória coletiva que o Mineirão se tornou. O instrumento de coleta de informações foi a entrevista semi-estruturada. A utilização desse recurso deve-se ao fato de as perguntas estarem previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permitir que ele realizasse explorações não previstas anteriormente, com a finalidade de um maior aprofundamento sobre um tema e de maior liberdade para o entrevistado dissertar sobre aspectos que considerar relevantes em sua opinião (LÜDKE e ANDRÉ, 1986; NEGRINNI, 1999). As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em um local de melhor conveniência para ambas as partes ou online, caso o entrevistado assim o desejar.

Participaram da pesquisa homens e mulheres nascidos até 1970 e que tiveram alguma experiência com o Mineirão no período de sua construção até duas décadas de existência. Aos entrevistados, foram feitas perguntas que levaram a respostas subjetivas, questionamentos ligados à memória pessoal dos entrevistados, mirando uma grande memória coletiva no final da pesquisa.

Foram feitas perguntas com os temas relacionados ao impacto do estádio para a cidade, experiências pessoais e coletivas sobre a apropriação do Mineirão em seus anos iniciais, contribuição do estádio para a identidade de Belo Horizonte e, principalmente, o sentimento do mineiro sobre a construção do “Gigante da Pampulha”. As perguntas estão localizadas no apêndice do texto.

As entrevistas ocorreram durante os meses de janeiro à julho de 2025. Os entrevistados eram contatados por telefone e agendaram a entrevista mediante disponibilidade. Grande parte das entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados. As entrevistas foram gravadas em um gravador portátil.

Os dados obtidos por meio das entrevistas foram transcritos integralmente em documentos Word. Iremos utilizar a análise de conteúdo para identificar categorias e temáticas emergentes. Realizaremos a codificação dos dados, a fim de extrair significados relevantes. A análise será conduzida de forma iterativa, por

meio de leituras repetidas e comparações constantes entre as entrevistas (SOUSA; SANTOS, 2020, p. 3).

O projeto passou pela aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – COEP – da UFOP (CAAE 87884425.3.0000.5150) e respeitou todas as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional de Saúde (Resolução n. 466 de 2012) envolvendo pesquisa com seres humanos.

CAPÍTULO 2 - A história de um Gigante

Não só a história da região da Pampulha se cruza com o futebol, como o da cidade de Belo Horizonte, visto que, logo após seis anos de fundação da cidade, foi criado o *Sport Club Foot-Ball*, clube que impulsionou a cultura futebolística do município (MUSEU DO ESTÁDIO MINEIRÃO, 2013). A população encontrou no futebol uma prática que revelou novas formas de sociabilidade, relacionando atividades físicas e apropriação dos espaços públicos. A prática do esporte no Parque Municipal, principal parque da cidade na época, a conversão de terrenos baldios em campos de jogo e a apropriação do hipódromo da cidade, transformado em estádio, ilustram como os praticantes do futebol contribuíram para redefinir os hábitos locais e redesenhar áreas da capital mineira. Com o passar do tempo, a capacidade de transformação de Belo Horizonte aumentava proporcionalmente à sua importância. Os clubes demonstraram ser capazes de construir estádios próprios, pois eram bem organizados e reconhecidos pelo governo. Então, foram erguidos três estádios: Otacílio Negrão de Lima, de propriedade do América, Estádio Presidente Antônio Carlos, do Atlético e Estádio Juscelino Kubitschek, do Cruzeiro (MUSEU DO ESTÁDIO MINEIRÃO, 2013).

Até que, no final da década de 1940, com a possibilidade da capital mineira sediar jogos do Mundial de Seleções de 1950, aliado a pressão da FIFA e dos políticos mineiros da época, foi erguido o Estádio Independência, como relata o texto de Georgino Souza Neto

Novamente o prefeito da capital mineira volta a ser protagonista neste processo. Com a pressão da CBD e do vereador Antônio Lunardi, Otacílio Negrão de Lima se vê numa posição politicamente

desconfortável: não bancar o término das obras do estádio setembrino (e ficar com o ônus de Belo Horizonte não sediar a Copa do Mundo); ou assumir definitivamente a conclusão do Independência (o que quer dizer assumir um compromisso financeiro elevado), mas capitalizar o fato da cidade ser sede do maior evento de futebol no mundo. Tudo indicava que a sua decisão pendia mesmo para a segunda hipótese (SOUZA NETO, 2017, p.107-108).

Em 1950, o Estádio Independência foi enfim inaugurado. Recebeu os jogos da Copa do Mundo e, a partir daí, se tornou o principal estádio da cidade. Porém, com o passar do tempo, o estádio começou a se tornar precário para algumas condições que o desenvolvimento do futebol precisava, como explica Lott (2020)

As reclamações giravam em torno da estrutura física, pois os estádios belo horizontinos não apresentavam locais reservados para o jornalismo – “locutores e técnicos das rádios ficam dentro do campo” –, e nem entrada e saída independente para os jogadores – “é expressamente impraticável o estádio que não possui túnel para entrada e saída dos litigantes”. Ademais, com o crescente número de torcedores, os estádios locais não comportavam os espectadores sedentos pelo esporte (LOTT, 2020, p.11).

Havia também um sentimento de inferioridade da população mineira em relação aos paulistas e cariocas, pois, além de São Paulo e Rio de Janeiro dominarem as questões político-econômicas do país, eles também possuíam estádios icônicos, o que lhes davam mais ainda uma sensação de “grandeza”. Esta sensação de grandeza, influenciava nas decisões dos jogadores de migrarem para clubes do eixo Rio-São Paulo, buscando maior visibilidade, mais poder aquisitivo e mais “reconhecimento” no meio futebolístico.

O meio esportivo de Minas Gerais se sentia injustiçado por não poder equiparar-se aos paulistas e cariocas - que, além do esporte, comandavam as questões político-econômicas do país -, sendo que o principal motivo alegado era a falta de um estádio como o Maracanã no Rio de Janeiro, ou o Pacaembu, e depois o Morumbi, em São Paulo. Um estádio majestoso proporcionaria aos mineiros ‘a formação com Rio e São Paulo é um grande tripé de sustentação para o futebol brasileiro’. (SANTOS; 2005, s. p,)

Santos (2005) continua em seu texto trazendo a relevância de uma nova praça esportiva para BH “um grande estádio seria o ponto de partida, um importante passo que alçaria o esporte mineiro, em especial o futebol, à projeção e

ao reconhecimento de que este era merecedor” (SANTOS, 2005. s. p.). Havia o entendimento de que o estádio não seria apenas uma estrutura física, mas também um símbolo de expectativas de um grande potencial para o esporte mineiro, servindo como uma base para futuras conquistas e um meio para obter o reconhecimento que é devido futebol que, como já comentamos, era muito forte entre os belo horizontinos, desde a fundação da cidade.

No final da década de 1950, após o sucesso esportivo da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1958, com o apoio do presidente Juscelino Kubitschek, e com a promessa de recurso através de cadeiras cativas, o governo do Estado de Minas tem um projeto de construir um outro estádio. Entretanto, o projeto se esbarrava na falta de verba e nos imbróglis políticos (SEIXAS, SIMÕES e RIBEIRO, 2005). Outras tratativas foram feitas, até que, em 13 de agosto de 1959, foi assinada pelo governador José Francisco Bias Fortes, a Lei n. 1.947/59 que dispunha sobre a construção de um estádio em Belo Horizonte, para a prática do futebol e atletismo, a praça se chamaria Estádio Minas Gerais (MINAS GERAIS, 1959). Esse foi o passo inicial para o projeto Mineirão, que duraria cerca de 6 anos até sua inauguração.

O local escolhido para o estádio foi a região da Pampulha, o terreno de 300 mil metros quadrados pertencia à Universidade de Minas Gerais que, naquela época, estava construindo a cidade universitária (CAMPOS, 2016, p. 80). Foi firmado um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura, a Universidade de Minas Gerais, o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais (ADEMG) e a Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais. Esse convênio permitiu a construção da praça esportiva em um terreno cedido pela Universidade de Minas Gerais e, em contrapartida, os seus alunos poderiam utilizar as instalações do estádio, além do mais, o governo construiria o CEU (Centro Esportivo Universitário) para a UFMG (SANTOS, 2005).

Durante a construção do estádio, ocorreram algumas situações que são importantes frisar. Como por exemplo, a troca do governo do Estado, que antes pertencia a Bias Fortes. Após eleições, em 1961, foi eleito Magalhães Pinto, que apesar de, na ocasião, não ser muito favorável à construção do estádio, batizou o próprio com seu nome. A história dá uma reviravolta quando a seleção mineira de

futebol se sagra campeã brasileira, em 1963, conquistando o seu primeiro (e único) título. O que se viu nas ruas de Belo Horizonte foi uma aclamação popular nunca vista antes vista (ASSUMPÇÃO, 2004 ; SEIXAS, SIMÕES e RIBEIRO, 2005).

Magalhães Pinto, que pretendia disputar as eleições presidenciais em 1965, viu no futebol uma chance para projetar a sua candidatura, e o estádio em construção seria um poderoso veículo social, político e econômico, já que trataria do segundo maior estádio coberto do mundo. Era um atalho político para dar maior visibilidade ao seu governo (ASSUMPÇÃO ; SEIXAS, SIMÕES e RIBEIRO, 2005).

É relevante citar que segundo levantamento de Damo (2021) o período da ditadura militar houve um “notável impulso do poder público na edificação de grandes estádios.” (DAMO; 2021; p.24), e neste mesmo estudo ele nos revela que

os estádios listados pela CBF fazem menção a homens, afora aqueles que fazem referência a paisagens – rios, vales, plantas, etc -, a santos - ainda assim, masculinos, excluindo-se os casos supracitados - e há raros ex-atletas renomados – com destaque os para o Rei Pelé, em Maceió, e o Mané Garrincha, Brasília, dois dentre os grandes estádios nacionais. Os demais estádios homenageiam dirigentes esportivos – presidentes dos próprios clubes, quando são estádios particulares - ou políticos convencionais – quando é o caso de estádios públicos: militares e médicos aparecem com certa frequência, a maioria deles com destacada atuação política, partidária ou esportiva. (DAMO; 2021; p.7)

Estes fatos nos levam a crer que o nome do Mineirão vem acompanhado de um contexto histórico em que políticos durante o período da Ditadura Militar usavam da construções de praças esportivas e nomeação delas para se promover popularmente. Então, por isso, o Estádio Mineirão foi designado pelo governador com o seu próprio nome: Estádio Governador Magalhães Pinto. Porém, o nome não se adequou ao cotidiano popular, sendo assim reconhecido nacionalmente como Mineirão.

Enfim, já na reta final de preparação para a inauguração do novo estádio, foram feitas diversas campanhas de *marketing* e de recolhimento de verba para o centro esportivo, como explica Pereira (2004)

Divulgavam-se empreendimentos a fim de que a população contribuísse financeiramente para com o ‘seu’ novo centro esportivo”, tais como: venda antecipada de cadeiras cativas via Loteria do Estado, concorrências comerciais para a exploração dos bares e a venda de espaços de publicidade no interior do estádio (PEREIRA. 2004, p. 76).

Os elogios traçados pela revista carioca Manchete afirmavam que

não obstante os gramados do Maracanã e do estádio Minas Gerais serem do mesmo tamanho – 110 por 90 metros – a grama, trazida da Índia e da Inglaterra, era ‘inigualável, de um verde puro, uniforme e viçosa’, comparável com o estádio londrino de Wembley e do Vale do Jamor de Lisboa. A drenagem do campo era perfeita e o acesso a este era feito por túneis que “se ligam aos 5 vestiários, aparelhados com banheiras térmicas, gabinetes médicos, oxigenoterapia e salas de massagem”. Ademais, havia “36 bares, 86 sanitários, 24 cabines com ar condicionado para rádio e tevê(...) além de uma área de 100 mil metros quadrados para estacionamento de 5 mil veículos” (GUIMARÃES, 2020, p.14).

Ou seja, um centro esportivo de muita tecnologia, inovação e recursos, principalmente para época.

A primeira partida da história do Mineirão foi disputada entre a Seleção Mineira de Futebol vs River Plate, com um público documentado de 73.201 pessoas. A Seleção Mineira saiu vencedora do confronto. Porém, esta partida seria muito mais que futebol, visto que, além do jogo, tiveram no evento de abertura: Balizas e bandas se apresentando, cães adestrados fazendo malabarismos no campo, bailarinas vestidas de gregas dançando ao som de harpas e o ápice das atrações, que surpreendeu até mesmo os jogadores, um helicóptero, que adentrou o estádio entregando a “bola do jogo” no círculo central de campo (MUSEU DO MINEIRÃO,2013).

Com o passar dos anos, o Mineirão se tornou referência nacional. Além de ser o segundo maior estádio do Brasil e do mundo (LOTT, p.11, 2020), com capacidade estimada de mais de 100 mil pessoas, se destacava também pela sua modernidade. Logo no ano seguinte de sua inauguração, em 1966, foi a sede do título da Taça Brasil (considerada até os dias atuais, como Campeonato Brasileiro) do Cruzeiro Esporte Clube. A partir daí, o clube já se considerava “em casa” quando atuava no estádio. O que ao longo dos anos aconteceu também com o

Clube Atlético Mineiro. Sendo o principal momento do clube no estádio a conquista da Copa Libertadores da América, em 2013, na final disputada contra o Olimpia-PAR. No caminho contrário deles, o América que já obtinha posse do Independência, preferiu continuar recebendo a maioria dos seus jogos no bairro Horto, porém, também já teve seus momentos de glória no Mineirão, como o título do Campeonato Mineiro de 2016, que após 15 anos sem conquistar o troféu, superou o Atlético na soma dos placares agregados e, se sagrou campeão estadual daquele ano, justamente dentro do “Gigante da Pampulha”.

CAPÍTULO 3 - O Divisor de águas para Minas Gerais

As entrevistas que serão apresentadas revelam as memórias e percepções de sete indivíduos de diferentes origens e trajetórias, unidas pela forte relação com o Mineirão e o futebol mineiro. Por meio de suas narrativas, exploramos o impacto do estádio na vida pessoal, na sociabilidade dos torcedores no desenvolvimento de Belo Horizonte e do futebol mineiro. Mas primeiramente é importante apresentar os/as participantes da pesquisa, são eles/elas:

Entrevistada 01 – Mulher, torcedora do Cruzeiro. Com 84 anos.. Nasceu em Belo Horizonte e conheceu o Mineirão na época de sua inauguração, o descreve como um "deslumbro" e "um marco" para o futebol e para o desenvolvimento e destaque de Belo Horizonte;

Entrevistado 02 – Homem, torcedor do Cruzeiro, com seu avô sendo um dos fundadores do clube, avô este que o entrevistado era muito próximo. Morador de longa data da região da Pampulha. Para ele, o Mineirão representou a "redenção da lavoura" para o futebol mineiro, a ascensão do Cruzeiro. O Mineirão representa uma bandeira de Belo Horizonte para ele;

Entrevistada 03 – Mulher, torcedora do Atlético. Suas memórias do Mineirão estão relacionadas à construção de afetos e união familiar em torno do futebol, independentemente do time. Mãe da entrevistada 04;

Entrevistada 04 - Mulher, torcedora do Atlético e filha da entrevistada 03. Para ela, o futebol e o Mineirão "forjam a gente", muito apaixonada pelo seu clube e que ganhou esse amor, não pelas vitórias, mas pelo pertencimento ao clube, moldando a identidade e permitindo a expressão do orgulho;

Entrevistado 05 – Homem, torcedor do Cruzeiro. Proveniente de Rio do Prado, no Vale Jequitinhonha, interior de Minas Gerais, para ele, o futebol brasileiro se divide em "antes do Mineirão e depois do Mineirão", sendo o estádio, o responsável por valorizar o futebol mineiro. Era vascaíno, mas depois da inauguração do estádio, se tornou Cruzeirense;

Entrevistado 06 – Homem, 68 anos, torcedor do Cruzeiro, proveniente de Boa Esperança, região sul de Minas Gerais. Descreve sua primeira experiência no Mineirão como "muito grandioso". Para ele, o Mineirão é um "marco" e uma "referência" na história de Belo Horizonte, representando "prazer" e o aspecto

lúdico do futebol, além de ter sido fundamental para a ascensão dos grandes clubes mineiros;

Entrevistado 07 – Homem, 73 anos, nascido na região central de Belo Horizonte, atualmente reside na Pampulha. Cruzeirense desde a infância, conheceu o Mineirão em seus anos iniciais. Para ele, o Mineirão significa "lazer", uma "obra monumental" e a "ascensão do Cruzeiro" no cenário do futebol, alia o seu time diretamente ao Mineirão, criando uma identidade com o estádio;

As histórias das pessoas aqui apresentadas se unem para uma compreensão de memórias coletivas do Mineirão e de Belo Horizonte, revelando-o não apenas como uma arena esportiva, mas como um verdadeiro palco de memórias, identidades e transformações. Essas narrativas coletivas demonstram a capacidade do estádio de ir para além do esporte, influenciando o desenvolvimento urbano, as dinâmicas familiares e a construção de uma sensação de pertencimento. As experiências compartilhadas ressaltam como o Mineirão se tornou um símbolo.

3.1. A Importância do estádio para a cidade de Belo Horizonte

O Mineirão, como estrutura, é imponente, e de fato, transformou a região em que se abriga. É interessante destacar que aliado com a construção do “Gigante da Pampulha”, a imprensa da época já previa a construção e ampliação de vias e avenidas, como descreve esse trecho retirado do Jornal Foto Esporte

Quando um turista chegar à Belo Horizonte e o abordar na rua, pedindo informações sobre o Estádio “Minas Gerais”, você não poderá dizer que nada sabe a este respeito. Antes que isso aconteça, tome nota. A construção do Estádio chegou com a Lei 1947 de 12 de agosto de 1959, que criou, no Governo Bias Fortes, o fundo especial para o início das obras. Esta lei, baseada em projeto do então Deputado Jorge Carone, foi o primeiro passo para que o “Minas Gerais” fosse uma realidade. Antes, várias tentativas para se construir uma Praça de Esportes foram grandes, mas apesar da boa-vontade, nenhuma se baseava numa arrecadação de fundos sólida. Depois de todos os empecilhos encontrados veio a assinatura do primeiro contrato. Ele foi assinado com o Banco Hipotecário – cem milhões para as primeiras despesas, que

ajudaram o Administrador Gil César Moreira de Abreu a dar prosseguimento aos contatos mantidos com a Reitoria da UFMG, visando conseguir os terrenos que hoje o Estádio “Minas Gerais” está utilizando. Motivo da escolha: acesso fácil ao torcedor pelas Avenidas Antônio Carlos à BR- 31/Perimetral – e mais: a Avenida Catalão (a ser construída) vai ligar o “MG” à Avenida Pedro II. (265 FOTO Esporte n. 3. Belo Horizonte, p. 27, novembro/1964 apud: SOUZA NETO, 2017 p.199)

Esta publicação demonstra o planejamento urbano feito pelas autoridades competentes da época, em prol de uma “facilitação” ao acesso ao estádio, que acarretou trazendo inúmeras mudanças urbanísticas para a cidade, unindo a região central com a Pampulha. Entende-se que a Avenida Dom Pedro II foi um elo para a junção de duas das principais vias de acesso à praça esportiva, Avenida Presidente Antônio Carlos e a Avenida Presidente Carlos Luz. Mas para fins relacionados a essa pesquisa, é interessante ser analisado como era a previsão do público e imprensa mineira para, não só a construção do estádio e a equivalência com os estados Rio de Janeiro e São Paulo futebolisticamente, mas também uma expectativa para uma modificação urbanística em torno da região do estádio, que era tratada como um local afastado e distante da região central de Belo Horizonte, como relata o Entrevistado 07

“Porque a Pampulha era muito longe nessa época. Era muito longe. Eu ia com meu tio aqui na praça da Pampulha, aqui no final dos anos 50, assim, era novinho, via lagoa assim. Nossa, demorava quase uma hora de carro, pô, até devagarzinho e tal. Era muito estreito[...] Nós vínhamos do Alto da Barroca, passava pelo Dom Cabral, Coração Eucarístico pegava o Anel Rodoviário. O rodoviário era uma pista que ia e uma pista que voltava. E uma margem, uma marginal grande lá, que era terra, buracos...Nós íamos até o Engenho Nogueira, chegava o Engenho Nogueira, nós entrávamos numa estradinha do Engenho Nogueira e chegava por baixo. Chegava aqui para baixo, depois subia ali e ia para o Mineirão. Essa era a estrada para chegar no Mineirão, vindo da Zona Oeste, Zona Sul de Belo Horizonte. A Antônio Carlos era estreita, muito estreita” (Entrevistado 07, 2025)

Nesta fala acima, o Entrevistado 07 retrata as dificuldades logísticas de acesso ao bairro, mas não só ele, como a Entrevistada 01, que confirma a fala anterior, acrescentando ainda a distância também da universidade ao centro de Belo Horizonte: “A universidade era muito separada né?! Tanto que a gente nem conhecia a universidade... a Pampulha era totalmente isolada” (Entrevistada 01,

2025). Já o Entrevistado 02 detalha o caminho para chegar na região da Pampulha, relacionando a sua lembrança familiar

“Eu ia muito na Pampulha pra frequentar a área das mangueiras, hoje em dia é o parque, aquele parque da Igrejinha, então a gente ia muito fazer piquenique, era comum. Meu pai trazia a gente, a gente fazia piquenique naquela área das mangueiras, ia de bonde, tinha um bonde que andava na Antônio Carlos, bondinho de quatro rodas e, você vinha e fazia piquenique ali, antes do Mineirão [...] Você pra ir pra Pampulha, você tinha que pegar a Estrada Velha da pampulha, que hoje é a rua que tem aqui em baixo, rua Boaventura, antes, aqui onde é a Igreja de Santo Antônio, tinha uma barreira da polícia rodoviária, pra você chegar na base aérea, então o caminho era esse. A Antônio Carlos foi sendo executada, pelo Juscelino (Kubitschek), que foi dando vida pro pessoal vir ter uma área de lazer” (Entrevistado 02, 2025).

A fala do entrevistado, narra a logística para acesso a região. Mas é muito importante ser destacado as maneiras de uso e apropriação da Pampulha para as pessoas da classe trabalhadora na época. A Pampulha pré-Mineirão foi relatada pelos entrevistados como um “lazer natural”, com muitas áreas verdes, ambiente para pesca, visitas a lagoa e muitos campos, diferente da forma com que a elite usufruía da região, como relata Campos “os usos previstos para essa região se destinava à classe economicamente abastada, pela dificuldade de acesso e pelo caráter das atividades desenvolvidas: concertos, óperas, peças teatrais” (CAMPOS; 2016). Percebemos então as diferentes formas de utilização daquele espaço na era Pré Mineirão, separada pelas classes sociais, o que aparentemente não foi notada ou relatada pelos entrevistados, que tratam com muita nostalgia o exercício do lazer naquela localidade, como podemos ver o relato da Entrevistada

03

“Porque papai, ele era pescador. Sabe? E ele subia na rampa, na rampa assim da Pampulha. Aqui tá a lagoa, né? Aqui tá a lagoa. E ele subia a rampa assim, oh, e ia subindo, até ali em cima assim. Aí, ele falava comigo assim, põe “noquinho.” O pôr “noquinho” é eu pegar umas flores e pôr aqui assim para poder isso aqui ficar bonito. É sinal que nós dois já tínhamos ido ali. Sabe? E assim foi. Eu adorava quando ele mandava eu colocar as flores lá. Adorava. E foi indo assim” (Entrevistada 03, 2025).

Com a inauguração do Mineirão em 1965 houve uma mudança gradativa na parte urbana da região. Uma das primeiras atitudes das que foram relatadas pelos entrevistados, foi a construção de novas avenidas, ruas de acesso, aliado a ampliação de vias que já estavam construídas, como relata o Entrevistado 07

“A Antônio Carlos era estreita, muito estreita, não é? Então depois do Mineirão eles ampliaram. Nossa, ampliou tudo. Ampliaram o anel.[...] Então, a Catalão ficou uma coisa ampla! Então, a mão e contramão lá, tinha três faixas para ir, três faixas para voltar, era a beleza. E tinha outro mundo que a gente fazia pega também na Catalão naquela época, fazia aquelas arrancadinhas assim, ia, né? Velocidade e tudo mais. Era interessante ir pela Catalão, era sensacional. A região da Pampulha ficou ampla, nossa!” (Entrevistada 07, 2025)

A fala deste entrevistado nos faz refletir como o fato novo impulsionou as dinâmicas de mobilidade urbana e a velocidade passa a ser um diferencial, se aliarmos com o que diz o entrevistado 02

“Mudou demais. Você pra ir pra Pampulha, você tinha que pegar a Estrada Velha da pampulha, que hoje é a rua que tem aqui em baixo, rua Boaventura, antes, aqui onde é a Igreja de Santo Antônio, tinha uma barreira da polícia rodoviária, pra você chegar na base aérea, então o caminho era esse. A Antônio Carlos foi sendo executada, que foi dando vida pro pessoal vir ter uma área de lazer” (Entrevistado 02, 2025).

Quando ele diz “foi sendo executada”, imaginamos que ele esteja se referindo a ampliação da via, nos demonstrando, que é de fato uma diferença nítida, pois, foi bem notada pelos dois convidados.

A avenida Antônio Carlos também aparece em um relato, da Entrevistada 01, quando nos conta sobre a dificuldade sentida após um jogo, que tentou utilizar a via para o retorno a sua casa, mas sem sucesso

“Falei com a Mariinha assim “vamos até a Antônio Carlos para pegar um ônibus que vem de Venda Nova”, aquela época era menos ônibus que vinha de Venda Nova, a hora que chegamos lá, os ônibus todos lotados, “aí vamos no aeroporto” e então fomos no aeroporto para pegar o ônibus para ir para casa” (Entrevistada 01, 2025)

A fala da entrevistada nos mostra que não só ela, mas boa parte dos torcedores utilizavam aquela avenida como modo de ida ao estádio e retorno às suas casas, explicitando então, a importância de construção e ampliação da mesma.

Para concluirmos este tópico é necessário expôr que, boa parte dos entrevistados tratou a região da Pampulha, principalmente com a inclusão do Mineirão, como um grande polo turístico belo-horizontino, tanto pela relevância dos clubes nacionalmente, quanto pelo elo do estádio com o conjunto arquitetônico em que ele se abriga, e principalmente por ele ser o maior monumento de Minas Gerais. Para Le Goff (1990), a palavra monumento exprime a memória, aquilo que perpetua a recordação, e o estádio, com certeza, está com muito carinho na recordação dos entrevistados.

3.2 A Importância do estádio para o futebol mineiro

"Os velhos contam a história vivida e sofrida por eles" (Éclea Bosi, 1987). Compreendemos que o velho não quer dizer apenas a forma pejorativa de se referir a pessoas idosas, mas no geral, o velho pode ser definido como o portador de algo a ser contado, aquele que retém histórias, o sujeito que possui memórias afetivas e talvez seja marginalizado. Mas não se trata apenas de seres humanos, mas também de objetos e construções que armazenam neles memórias e histórias vivas. O Mineirão é, de fato, um grande armazenador destas histórias, mas não só por ele, espaço em si, mas pelas histórias que se criam dentro e em volta dele, principalmente pelas pessoas que o frequentam. O estádio é repleto de lembranças afetivas banhadas de drama, sofrimento, alegria, paixão, emoção e até mesmo de "romantismo", como citam os nossos entrevistados.

Encontramos assim, um conjunto de memórias individuais, que juntas podem se tornar uma memória coletiva. Essa memória pode ser relacionada a várias situações, como a da suposta força que os clubes mineiros ganharam após a inauguração do Mineirão. Essa força foi relatada por vários entrevistados "O Mineirão representou a ascensão muito grande do Cruzeiro, tanto que o Cruzeiro começou a ser o papa tudo quando jogava no Mineirão" (Entrevistado 05)

Essa fala traz a recordação de imponência, invencibilidade e principalmente de força, que o estádio e todas as suas situações sociais, trazia para os jogadores. Mas não só o Entrevistado 02, como o Entrevistado 05, apontou o novo estádio como um impulso para os dois times da capital

“Eu acho que o Mineirão valorizou o futebol mineiro, fez com que os clubes retivessem aqui os jogadores bons. E, com isso, o Atlético se sentiu na obrigação de crescer, porque o Cruzeiro crescendo, o Atlético tinha que fazer alguma coisa! E até ganhou um título, em 1971” (Entrevistado 05, 2025).

Já o Entrevistado 07, identifica o estádio diretamente ao seu clube, ele já relaciona o crescimento particular do Cruzeiro Esporte Clube ao nascimento do Mineirão

“O Mineirão é uma obra monumental. E ascensão do Cruzeiro como clube de futebol. O Mineirão é isso[...]Em primeiro lugar, com a ascensão do Mineirão, o que o Cruzeiro fez? O Cruzeiro desbancou o Santos. O Cruzeiro humilhou o Santos no Mineirão. Aquele 6x2 foi sensacional[...] Eu acho que o Mineirão contribuiu mais foi pela identidade do Cruzeiro, viu ? O Cruzeiro estilingou no cenário internacional. Foi a partir disso aí. E consequentemente a cidade ficou famosa através do Cruzeiro, né?” (Entrevistado 07; 2025).

O Entrevistado 06, alia outros fatores, entre eles financeiro e social como consequências de alavanque do futebol mineiro após a construção do “Gigante da Pampulha”

“O Mineirão foi fundamental para Cruzeiro e Atlético, porque teve uma época que o futebol não era tão caro quanto é hoje. E grandes torcidas davam mais poder de compra para os times, vamos dizer assim. Então, nesse sentido, aumentar o número de torcedor e essas coisas todas” (Entrevistado 06, 2025).

O texto publicado por Ferreira e Silva podem confirmar esta fala do Francisco, principalmente quando ele diz sobre os grandes públicos do estádio

Esta ascensão resume-se, sobretudo, em decorrência da grande presença de público e esplendorosas rendas obtidas nos jogos de Cruzeiro e Atlético, principalmente nas partidas entre as duas equipes, pois com o advento do Mineirão, estas equipes tiveram

suas respectivas torcidas aumentadas exponencialmente e o confronto entre ele passou a ser o principal clássico de Minas Gerais e uma das principais rivalidades do futebol brasileiro (FERREIRA; SILVA, 2014, p.11).

Com base em todas essas lembranças, há uma possível conclusão de impulsão dos clubes belorizontinos, explicada também pelos concretos e imponentes títulos nacionais que conquistaram o Cruzeiro e o Atlético nos anos iniciais do estádio. O resultado em campo tornou inviável para os dirigentes cariocas e paulistas excluírem os clubes mineiros das competições, dessa forma explicado por Seixas, Simões e Ribeiro

O título da Taça Brasil provocou a dilatação das fronteiras do futebol brasileiro. Dirigentes cariocas e paulistas, então donatários das competições mais importantes, entendiam ser impossível um campeonato sem a participação dos clubes de Minas e de seu novo símbolo: o Mineirão (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005, p. 38).

Percebe-se então pela citação de Seixas, Simões e Ribeiro, a importância deste novo marco para a cidade, o gigantismo do estádio aliado com a força dos bons jogadores que tinham em Minas Gerais trouxeram um novo olhar para o futebol mineiro, era impossível deixar o segundo maior estádio do Brasil e do mundo (LOTT, p.11, 2020) fora de competições a nível nacional.

Aliando-se a fala acima, é importante ser destacado a observação feita sobre a sensação de injustiça e inferioridade dos mineiros, principalmente quando se tratava do estádio Maracanã (que na época era o maior estádio do mundo) e do futebol carioca, confirmando o dito de Santos (2005). Essa sensação pode ser representada pela fala do Entrevistado 02

“A gente de Belo Horizonte, Minas Gerais no geral, tinha muita inveja do carioca que tinha o Maracanã, quando começaram a falar do Mineirão, para nós foi a *redenção da lavoura*, porque nós vamos ter um campo igual o Maracanã, nós não vamos ter que ter inveja de ninguém mais[...] Ele passou a marcar a referência de futebol de Minas Gerais. A mídia colocava que Maracanã, Mineirão e depois que vinha São Paulo, às vezes o do Palmeiras e nem sempre o do São Paulo, o Morumbi. Mas a referência era primeiro o Rio, depois Minas, por causa do Mineirão” (Entrevistado 02, 2025).

O que está sendo discutido, pode ser a contextualização do que disse a Entrevistada 01 em sua entrevista

“Então a gente não sabia o que estava pra acontecer ali, aí o dia que falou “tá pronto”, que foi a inauguração do Mineirão, foi assim, um deslumbre pra todo mundo né?! Que ninguém esperava aquele tamanho de Mineirão. Por que a população de Belo Horizonte não era tão grande né?! Então ele tava igual o Maracanã, ninguém imaginou igual o Maracanã, quando a gente chegou lá, foi aquele susto, que eu tive né?! Porque meu Deus do céu, como é um lugar tão grande desse né?! [...] Tínhamos expectativa de ser menor, por conta do número de população daqui, eu achava que ia ser menor que o Maracanã, eu não tinha a mínima noção que seria do tamanho do Mineirão, quando chega lá, a gente assusta, eu assustei, nunca vi tanta gente, um lugar tão grande igual foi o Mineirão” (Entrevistada 01, 2025).

O deslumbre com o “fator novo” e com a enormidade do novo estádio em sua cidade local mostra um símbolo de superação da inferioridade sentida ao eixo Rio de Janeiro - São Paulo, de pertencimento e, uma expectativa de crescimento regional, tanto relacionado ao futebol, quanto a modernidade. Esse impacto físico se confirmou em reconhecimento nacional, com a mídia passando a posicionar o Mineirão como uma referência no cenário do futebol brasileiro, ao lado do Maracanã, consolidando Minas Gerais como uma nova força do futebol.

É importante destacar a fala do Entrevistado 05, aliando a ascensão do futebol mineiro, com uma possível interiorização do futebol brasileiro, que segundo ele, não ficou recluso apenas ao polo da época

“Pra mim, o futebol no Brasil tem antes do Mineirão e depois do Mineirão. Porque antes você só tinha a hegemonia do Rio e de São Paulo. Jogador para a seleção, ganhar os títulos bons. Aí quando o Cruzeiro ganhou a Copa Taça Brasil, que hoje foi equiparada com o Campeonato Brasileiro, os outros times de outros lugares, Rio Grande do Sul principalmente, viram que podiam reter jogadores, não exportar para São Paulo e para o Rio, e fazer grandes times, fazer a torcida crescer, fazer valorizar o futebol, criar rendas, enfim. É como se estivesse interiorizando o futebol brasileiro. Porque primeiro teve, além de São Paulo e Rio, teve Rio Grande do Sul e Minas, depois Bahia juntou, Aí veio Paraná, veio Pernambuco, aí foi crescendo. E hoje já tá assim, mais nacionalizado, né?” (Entrevistado 05, 2025)

O entrevistado classifica o Mineirão como um “divisor de águas” para delimitar os rumos do futebol brasileiro. Se refletirmos que as competições nacionais são disputadas em alto nível por clubes do Sul, Sudeste e Nordeste, e os

campeões podiam variar dentre vários estados, o que não acontece em quase nenhum outro país (os “maiores clubes” são sempre originários dos polos urbanísticos destes países), essa fala pode ser relacionada a tese de Fonseca (2014, p.68), principalmente quando ele trata da generalização do futebol brasileiro

Não obstante, a generalização parece ser necessária e não causa danos ao entendimento, já que não se propõe aqui uma hierarquia das cidades brasileiras com base no futebol e o entendimento de centro e de suas margens se dá no âmbito conceitual. Ademais, para o centro, não importam as periferias e os seus interiores, pois ambos são igualmente invisibilizados por ele (FONSECA, 2014, p.68).

Essa ligação confirma boa parte do que disse o entrevistado 05. O autor demonstra a democratização e competitividade no cenário futebolístico nacional, não ficando recluso apenas à um centro. Após fazer essa ligação, é possível uma perspectiva de como a construção de grandes monumentos esportivos, como o Mineirão, atuou como símbolo dessa transformação histórica.

Concluímos este tópico, mostrando a importância do Estádio Mineirão para o crescimento e fortalecimento do futebol mineiro em cenário nacional. Ele iniciou o sentimento de pertencimento, diminuiu consideravelmente a injustiça e inferioridade sentida pelos mineiros em relação aos cariocas, trouxe uma visibilidade maior do interior para a capital e para os clubes da capital mineira.

Quando se trata de futebol, o Cruzeiro e Atlético iniciaram as suas trajetórias marcantes nacionalmente, ao longo dos anos, somente após a inauguração do Mineirão, como confirma Fonseca: “O período de 1965/2010 ou Era Mineirão vai marcar, no desenvolvimento do futebol mineiro, a ascensão do Cruzeiro e a afirmação nacional do Atlético” (FONSECA, 2014).

CAPÍTULO 4 - O Armazém de Memórias

É possível um estádio influenciar na vida das pessoas? Influenciar em suas relações interpessoais? É possível uma praça esportiva moldar a rotina das pessoas? Bem, é o que discutiremos agora.

Além de apenas o espaço para a disputa dos jogos de Cruzeiro, Atlético e América, o Mineirão, em seus anos iniciais foi também palco de diversas outras atividades relacionadas ao lazer, como relatam os entrevistados. As ações realizadas no estádio se alternavam entre campeonatos intercursos da UFMG, partidas de clubes do interior, eventos religiosos e populares, realização de vestibulares e, o seu entorno, também foi utilizado para corridas amadoras, exibição e venda de carros.

Algumas destas práticas foram relatadas pela entrevistada 01

“Lá existia uma coisa chamada preliminar, lá jogavam as universidades. Por exemplo, o meu cunhado jogava pela universidade de engenharia, então jogava engenharia e medicina. Então você tinha que ir pro campo às duas horas... era assim, uma confraternização muito bonita. Então isso ajudava muito, sabe?! A gente ia muito para... o dia que o meu cunhado ia jogar, ninguém ficava em casa, o Bom Jesus (bairro) todo descia pra ir ver” (Entrevistada 01, 2025).

Este trecho já nos mostra a mobilização de uma rede de pessoas, de um bairro tradicional de Belo Horizonte para ir ao estádio.

Mesmo não sendo por um clube especificamente, as pessoas se mobilizaram para ir ao “Gigante da Pampulha” pela identidade e orgulho que aquela pessoa trazia para aquela região em que ele residia. Acabou o estádio sendo o espaço de encontro desta sociabilidade para os moradores do bairro Bom Jesus.

Estas formas de sociabilidade foram exemplificadas por Baechler (1992)

Uma segunda categoria poderia ser definida por redes de algum modo deliberadas, no sentido de que são definidos espaços sociais, onde se encontram, por opção, atores sociais que têm prazer e interesse em ser sociáveis uns com os outros (BAECHLER, 1992, pg 78).

Mas as os residentes do Bom Jesus também se organizavam para assistir aos jogo dos principais clubes da capital

“Até que chegou uns italianos no Bom Jesus, padres italianos que eram muito amigos da gente, que a gente ia de carro, e aí a gente não perdia mais nenhum jogo [...] Ele trazia o pessoal da Itália, subia pra cá, e ele tinha que levar no Mineirão, porque tinha que conhecer o estádio do Mineirão, sabe?!” (Entrevistada 01, 2025).

É notável neste trecho, como ela cita a chegada de padres italianos, que provavelmente se identificaram com as origens do Cruzeiro e criaram um sentimento de pertencimento ao clube e, aparentemente, influenciaram àqueles da região em que os sacerdotes se abrigavam. Além deles auxiliarem as pessoas na locomoção do estádio, facilitando assim o acesso ao mesmo, imaginamos que, pelo posto em que os religiosos se colocam na sociedade na época, tinham forte poder de influência sobre a população local.

É importante fazer a ligação do tópico anterior, em que os participantes da pesquisa caracterizaram o estádio como ponto turístico de Belo Horizonte e, a entrevistada 01 nos trás uma exemplificação deste uso do estádio como um espaço de exposição belo-horizontino para o restante do mundo.

Assimilando o assunto, gostaria de ressaltar aqui um trecho da entrevista, em que ela descreve os eventos religiosos que ocorriam no estádio

“Tinha um encontro dos católicos, em dia de Corpus Christi, que era assim, um acontecimento! Era quinta feira de Corpus Christi. Esse papai ia, mamãe ia, todo mundo ia. E assim, de toda a paróquia, ia dois ou três ônibus que levavam a gente. Foi nesse dia que meu pai e minha mãe ficaram conhecendo o Mineirão” (Entrevistada 01, 2025).

Esta fala é rica em vários quesitos tais como: identificar a força da Igreja Católica na época e na região, com o poder de alocar o estádio e fazer dele um espaço para eventos religiosos, organizando uma mobilização de uma parte da população belorizontina; Outro detalhe a se tratar é quando a entrevistada fala da primeira visita dos seus pais ao estádio, sendo um momento simbólico para a mesma, compartilhar a experiência de ida ao Mineirão com pessoas tão próximas à ela.

O estádio é um ambiente em que se convive todo tipo de população, toda às religiões podem ser aceitas, todas as formas de expressão são bem vindas, se forem a favor dos respectivos clubes. Inclusive porque, como disse a convidada: “A pessoa que chega no Mineirão, ela se sente LIVRE. Ele pode gritar, ele pode manifestar [...] No Mineirão você sente *liberdade*, você tem a liberdade, é o lugar que você tem para soltar as emoções”. O estádio de futebol em si, é o incrível espaço para a liberação de emoções.

O “Gigante da Pampulha” nos mostrou ao longo do tempo como diferentes tipos de pessoas, em diferentes classes sociais, em fases distintas da vida, se unem em apenas um objetivo, apoiar o seu time do coração.

Nestas entrevistas passamos por momentos emocionantes, de falas sobre familiares, amigos e histórias de aventuras incríveis, para no fim, assistir aos jogos dos seu clube do coração. Muitas das vezes a tradição do torcer, é passada de gerações à gerações, como demonstra a fala do entrevistado 02

“Eu marcava com meu avô um lugar para encontrar, ele vinha lá do Calafate, a gente encontrava e ia assistir o jogo, os dois, depois comecei a levar meus filhos, a minha mulher também ia... a gente ia pro Mineirão subindo a pé aqui e só jogo do Cruzeiro, e às vezes, da seleção brasileira quando jogava aqui” (Entrevistado 02, 2025)

Este participante especificamente possui um história muito interessante com seu avô, que foi um dos primeiros torcedores do Cruzeiro, e foi quem o incentivou a ter esse amor pelo clube. Este caso, já é um exemplo dos elos em que Mineirão reforça. Embora a relação entre avô e neto já vinha de outros espaços, o estádio foi um monumento importante para os dois, principalmente depois que o entrevistado mudou para um local mais distante do seu parente.

O capítulo do livro “Tratado de Sociabilidade (Traté de Sociologie)”, escrito por Baechler, em 1992, traz elementos para analisarmos a fala do entrevistado 02

Uma primeira categoria de objetos teria a ver com as formas de sociabilidade que se estabelecem espontaneamente entre indivíduos: “Quem convive com quem?” poderia ser a interrogação de base. Designamos, de um modo geral, por redes os laços, mais ou menos sólidos e exclusivos, que cada ator social estabelece com outros atores, os quais estão também em relação com outros atores, e assim por diante (BAECHLER, 1992; p.77).

A relação extremamente sólida e praticamente exclusiva entre o ator 1 (entrevistado) e o ator 2 (seu avô), demonstrada pela fala: “Ele me considerava o seu fiel escudeiro! Que ele já era de idade já, então eu ia com ele, porque eu tinha que tomar conta dele [...] iria ao estádio 90% das vezes com meu avô” . O Entrevistado 02, ilustra bem o que quer dizer Baechler (1992). Esta relação classificada como “laços”, compreendermos neste contextos, serem os costumes, rotinas e tradição inter parental banhados pela emoção em cada jogo.

Ainda neste texto de Baechler (1992), entendemos como “redes”, quando o entrevistado passou a fazer com que a família construída por ele tenha a mesma paixão pelo clube, mantendo o que seu avô fazia com a sua primeira geração familiar. O próprio entrevistado brinca: “Ele influenciou a família toda, a gente tinha uma família grande, família de italiano você já viu... só tinha um atleticano, ele era considerado o ovelha negra da família” (Entrevistado 02). Em seguida, o Entrevistado 02 enfatiza novamente a influência que o Mineirão teve sobre sua nova família: “Levava, levava minhas filhas, meu filho...Meu filho hoje é mais cruzeirense que eu, minha mulher é cruzeirense adoidada também, tudo em função do Mineirão”.

Podemos classificar então, o estádio como um catalisador da paixão pelo clube, um criador de memórias, um espaço grandioso para a sociabilidade e, para este entrevistado, que quando mencionou o seu avô nas entrevistas, se sensibilizou muito: “Só lembrança. Lembranças do meu avô!” (Entrevistado 02). Assim, o Mineirão armazena: lembranças, nostalgia, carinho e família.

Falando em família, as histórias da Entrevistada 03 e da Entrevistada 04 se cruzam. Afinal de contas, são mãe e filha, respectivamente, e suas narrativas revelam a profunda raiz da cultura futebolística em sua família.

A Entrevistada 03, a mãe, recorda com nostalgia as origens dessa paixão

“Sempre gostei de ir com papai no futebol. Adorava ir lá no, como é que se chama... Barro Preto [...] Ele me punha no colo. Ele me punha, eu sentava aqui no joelho, era bom demais.[...] E mamãe não deixava ele sair sem eu. Porque eu é que tomava conta das coisinhas dele, né?” (Entrevistada 03, 2025)

Esse sentimento de nostalgia com o futebol, auxiliaram o caminho para a próxima geração. Influenciada por essa tradição familiar, a entrevistada 04, a filha, tornou-se atleticana desde o início de sua vida: “Papai adorava levar a gente. E aí

a gente ia, os quatro filhos, aí tinha alguns sobrinhos que iam junto também". (Entrevistada 04, 2025)

Esse sentimento de nostalgia ligada ao futebol vem de antes do Mineirão, mas é relevante para caracterizar as próximas citações das participantes.

Durante a entrevista, a Entrevistada 04 relata diversas vezes a sua relações com seu pai, tios e primos quando era criança

"E era muito bom, a correria na escadaria do Mineirão, eu tenho pouquíssimas lembranças assim, de pequena, mas eu lembro dessa, ele sentava sempre em cima para ver melhor o jogo, e a gente gostava de ver a geral, então a gente descia correndo, depois subia correndo, então eu tenho essa lembrança muito legal. Quando a coisa apertava, a gente ia para a geral, ficava assistindo o jogo na geral, e para mim não tem lugar melhor, foi uma pena que acabou, foi uma pena que ele elitizou, até o Mineirão. Porque os personagens encontrados ali na geral era uma coisa deliciosa" (Entrevistada 04, 2025).

Aparentemente para ela, um dos principais momentos divertidos, era se utilizar dos espaços que o estádio oferecia, para o seu lazer infantil.

"Porque era outra coisa também, que era importantíssimo em ir ao Mineirão, porque era só lá que a gente podia e tinha a grana para chupar o picolé, sabe? Então tem essa memória do picolé também! Sabe, é muito legal porque a gente não tinha essas possibilidades que temos hoje, quando o dinheiro era apertado era na "geral" e a gente já sabia, mas não achava ruim de jeito nenhum, até porque a gente podia correr mais, não estava nem aí para o jogo. E o picolé não faltava, então era muito legal" (Entrevistada 04, 2025).

Identificamos neste trecho outras formas de sociabilidade, de utilização e principalmente ressignificação daquele espaço. O Mineirão é deveras um amplo local dedicado ao lazer, mas não só ao futebol. Essa pequena memória de brincar com os primos na escadaria, enquanto ocorre o jogo, já nos faz refletir como o monumento tão repleto e importante como o Mineirão pode ser utilizado como fonte de entretenimento e lazer para qualquer tipo de público, com diversas formas de uso.

Também criança, é necessário destacar a seguir, a Entrevistada 04 relatando a sua primeira experiência dentro do estádio, que não foi exatamente como ela imaginava

“Eu tinha 11 anos, o papai tinha uma “Vemaguet”², pôs todo mundo pra ir assistir São Paulo e Atlético no Mineirão. E a passamos a manhã toda, a mamãe fazendo bandeira, nós levamos bandeira, porque naquela época, a coisa mais bonita do Mineirão era que a torcida entrava com a bandeira, né? E aí a gente, a mamãe fez a bandeira, a gente foi, e chegamos, e foi aquela tristeza, aquele sofrimento. Mas, foi a minha primeira experiência no Mineirão, e depois, eu cresci no Mineirão, papai adorava levar a gente” (Entrevistada 04, 2025).

Apesar do que ela trata como “sofrimento” ser a derrota do seu clube, claramente a memória da expectativa de ir ao jogo junto com seus familiares, chegar ao estádio, entrar em contato com a torcida, e vivenciar aquele ambiente, reforça ainda mais a sua memória de deslumbre, com a grandiosidade era daquele momento. A derrota naquele dia não lhe fez desistir do clube, pelo contrário, durante a entrevista ela constantemente mencionava o amor pelo clube: “É uma identidade que me representa, ser atleticana. Então eu tenho orgulho e eu acho que quem é atleticano tem orgulho de se manifestar dessa forma. Para mim é importante ser atleticana”. O que diz a entrevistada 04 fortifica o pensamento de Lott (2020), quando ela discursa que a identidade no futebol é forjada tanto pelas glórias mas também pelas dificuldades e derrotas.

Essa identidade que a participante quis reforçar para a “nova geração” da sua família

Aí os meninos, meus irmãos, tiveram filhos e aí eu comecei a levar a sobrinhada juntos. Íamos juntos e aí era a buzina, eu tenho memórias muito legais da buzina queimar, porque a gente ficava buzinando tanto na ida quanto na volta, esperando na Itatiaia. a reprodução dos gols, para a gente comemorar de novo, sabe? Então, não era só o jogo lá, o pré-jogo e o pós-jogo também era muito legal. Então, essas lembranças são marcantes. E me formaram (Entrevistada 04, 2025).

A tradição do torcer passando de geração, e os rituais de ida e volta ao estádio demonstram a importância do futebol para reforçar os laços familiares, mostrando também que, não só os estádios são importantes, mas também o movimento de deslocamento até ele.

² Vemaguet é um modelo de automóvel fabricado no Brasil pela Vemag (Vemag S.A. Indústria de Veículos Automotores), entre 1958 e 1967, sob licença da DKW. É conhecido por ser a primeira perua produzida em série no Brasil.

Excursão é o tópico principal das lembranças do Entrevistado 05. Ele é torcedor do Cruzeiro, e vinha diretamente de Teófilo Otoni, interior de Minas Gerais, para acompanhar o seu time. Mas não sozinho e sim com seus amigos, em excursões para o Mineirão e, ao parecer, a viagem era muito visada pelos habitantes da cidade

Isso deve ter sido antes de 70. Antes de 70. Nós íamos para ver o jogo Cruzeiro e Atlético. Nós fizemos lá uma relação e aí apareceu tanta gente que a gente teve que fazer sorteio pra ver quem vinha. Aí saiu de Teófilo Otoni naquela Kombi, e aquele negócio devagar, e aquele motor barulhento, mas era uma farra, era um. Uma viagem, uma viagem dentro da viagem. Aí chegamos, assistimos o jogo e voltamos no mesmo dia. Graças a Deus o Cruzeiro ganhou, né? (Entrevistado 05, 2025).

Este trecho nos mostra como o futebol mineiro ia dando indícios de crescimento para o interior e o “Gigante da Pampulha” já despertava o interesse dos habitantes de várias regiões do estado. Se unirmos o deslumbre que as pessoas trouxeram em suas falas anteriores, aliados ao noticiário da mídia da época, suponhamos que se inicia um movimento de curiosidade da população periférica para conhecer esse grande monumento construído na capital.

O Entrevistado 05 relata que mudou para Belo Horizonte poucos anos após a inauguração do estádio, nos expõe uma curiosa situação: “A gente ia com amigos, mas eu gostava tanto de futebol que quando não tinha ninguém para ir, eu ia sozinho. Teve uma vez que eu fui também com o meu filho” (Entrevistado 05, 2025). Diante disso, ele traz diversas formas de socialização no estádio, como a relação interparental e o costume de frequentar estádios passado de gerações, mas pode ser destacado dois fatos novos, a ida ao estádio com amigos, como ele mesmo mencionou em suas excursões. E a ida “sozinho”.

Parece o termo “sozinho” ser o oposto de “sociabilidade”, mas neste contexto, pelo contrário. O que foi dito se entrecruza novamente com os discursos de Jean Baechler (1992), principalmente no tema central do capítulo escrito pelo autor: quem convive com quem? Embora uma pessoa vá sozinha, os estádios de futebol são locais para o debate de uma sociabilidade coletiva, um espaço onde milhares de pessoas não se conhecem, mas compartilham a mesma paixão e o mesmo objetivo, compartilham as mesmas emoções e muitas vezes até os mesmos rituais, e isso faz com que todos, num conjunto pratiquem irredutivelmente formas de socialização.

Concluímos neste caso que a presença “solo” é mais um fator contribuinte para a atmosfera de um estádio.

As histórias do Entrevistado 05 se relacionam muito com a do Entrevistado 06, ambos do interior de Minas Gerais. Porém, o Entrevistado 06 é originário da região Sul do estado e, assim como o Entrevistado 05, também, em suas primeiras idas ao Mineirão teve que passar por uma excursão. Ele explana durante a conversa, as dificuldades que passou para a visita ao estádio

“Sim, uma excursão mesmo! Economizei durante não sei quanto tempo para pagar o ônibus, comer um pão com salame. E vir ao jogo e voltar para casa logo depois do jogo” (Entrevistado 06, 2025)

Nesse relato, o Entrevistado 06 demonstra a “força de vontade” que os entrevistados tinham para acompanhar o seu clube do coração. A cidade de Boa Esperança possui uma distância de praticamente 300 km do Mineirão, e essa paixão pelo Cruzeiro o moveu para passar pelas aventuras relatadas.

Outro fato curioso, é que coincidentemente, como o Entrevistado 05, o Entrevistado 06 também não se importava de frequentar o estádio sozinho

As minhas filhas foram algumas vezes, mas não muitas. A minha ex-esposa, no começo ela dizia que não gostava de futebol, não sei o que, e tal, tal, tal. Eu ia sozinho. Eu comigo mesmo. E sempre sozinho. Nunca gostei de muita turma, porque já nessa época tinha alguma confusão aqui, outra lá. E eu nunca gostei! E eu ia sozinho. E chegava, na época eu tomava uma cervejinha e tal, ia para o jogo e voltava. (Entrevistado 06, 2025)

Entendemos que ele, apesar de se sentir bem em frequentar sozinho o estádio, em algumas circunstâncias, compartilhou momentos importantes de idas ao estádio com suas parentes próximas, mas elas optaram por não seguir o caminho do entrevistado. Estas raras oportunidades de idas ao “Gigante da Pampulha”, ele também passou com seu pai.

Durante o decorrer da entrevista, o participante cita muito sobre a relação com seu pai. Perguntado sobre o motivo de ser cruzeirense, respondeu: “Por causa do meu pai, meu pai era Cruzeiro” e, ao longo da conversa, o convidado 06 nos contou um pouco sobre as vezes que foi ao estádio com seu progenitor

“Um outro fato que eu me lembro, foi com meu pai. Meu pai vinha para cá para se tratar de um câncer. E eu aprendi a ser cruzeiro com meu pai. E teve um jogo, Cruzeiro e Flamengo. Meu pai sempre foi trabalhador rural, sempre viveu no campo. Teve um jogo que teve um problema de abelha no Mineirão, enxame de abelha e tal. E o pessoal começou a correr. Meu pai falou: “fica quieto, fica sentado, quietinho, quase que imóvel, que elas...” na linguagem dele, se você não fizer nenhum gesto brusco, elas não vão te picar.” Ficamos lá quieto e tal. Teve pessoas que se machucaram e tal” (Entrevistado 06, 2025).

Nesta fala pode ser destacado além da lembrança, o conhecimento empírico do pai do entrevistado, que utilizou-se da sabedoria prática para lidar com a situação e transmitiu este tipo de conhecimento para o seu filho. É importante ser ressaltado também, a possível falta de estrutura e organização do estádio, que diante de um jogo nacional e relevante, passou por problemas de origem estruturais, e pelo relato, não soube encontrar uma rápida solução para o problema, provocando assim, uma desordem no espaço. Enfim, o convidado continua detalhando o vínculo dele, do seu pai e do Estádio Mineirão

“Umas duas ou três vezes nós fomos juntos. Poucas vezes, infelizmente. Poucas vezes. Meu pai veio para cá porque ele veio se tratar de um câncer. Câncer de pulmão decorrente de tabagismo. Meu pai faleceu com 83 anos. Infelizmente[...] Meu pai não verbalizava muito as emoções. Era um homem mais típico mineiro, né? Ah, mas eu imagino a carinha dele, a felicidade. Eu tenho certeza. Foi muito bom. Foi muito bom”(Entrevistado 06, 2025).

Pela forma que ele tratou com muita sensibilidade o tema, imaginamos que este momento de socialização entre o convidado e seu pai foi muito importante para ambos. Concluímos mais uma vez, o Mineirão sendo palco de elos, sentimentos, e como descreveu este mesmo participante: prazer.

Nossa última história é de um belorizontino, que viu sua cidade se transformar com o Mineirão, viveu a maior parte da sua vida frequentando o estádio, e que inclusive, adquiriu o pacote de cadeiras cativas do estádio

“eu virei um torcedor constante. Por quê? Isso foi sensacional! Eu conheci um rapaz do BEMGE, ele era hipotecário na época e ele tinha umas cadeiras cativas do Mineirão. Ela falou, ah, você tem cadeia criativa lá, o banco aluga e tudo mais e tal, não sei mais o

que... Então, eu falei assim, aluga, eu falei, poxa, eu vou alugar as cadeiras, porque eu estou indo constantemente pagando ingresso, eu vou pegar as cativas, você só pagava o condomínio, né, tinha que ³pagar o condomínio. Nossa, aí eu peguei cinco cadeiras cativas” (Entrevistado 07, 2025).

O presente entrevistado expôs que se achou numa situação de “vantagem” econômica, visto a continuidade de jogos que ele frequentava, o mesmo relativizou e achou viável fazer a aquisição das cadeiras cativas. Porém, essa percepção não durou muito tempo, pois logo logo, o participante confessou que optou por fazer o aluguel das suas cadeiras para terceiros

“aí o colega me falou: ‘pô, arranja um pouquinho aí, te aluga aí’. Aí eu fui lá e me alugou duas. Eu te repasso, eu não vim nem repassar, eu repassei a cadeira para ele. Aí eu fiquei com dois. Um colega com um e o outro colega com duas. Aí começou a nossa “orgia” no Mineirão. Nós íamos em todos os jogos” (Entrevistado 07).

Interpretamos a fala descontraída do participante, como uma forma de expressar exatamente o exagero, um superlativo para demonstrar a frequência do relator no Mineirão.

Após um certo período, segundo o participante, as administrações do estádio e do clube decidiram deixar as “cadeiras cativas” em segundo plano e utilizar-se do programa de sócio do futebol

“Aí o Cruzeiro implantou o sócio do futebol e tinha um cartãozinho. Aí eu larguei as cadeiras cativas. Aí eles implantaram o sócio de futebol. Eu falei, vou entrar no sócio de futebol. Entrei. Fiz aqui o pacote seguinte lá. Todo o mando de campo do Cruzeiro. Eu entrava tranquilo. Eu comprava aquele pacote que era o top deles lá. Ficou tudo certo. Todos juntos nós íamos lá. Eu e a minha filha” (Entrevistado 07, 2025)

Nesta fala encontramos a relevância da sua filha em suas jornadas ao estádio. Ele cita diversas vezes a sua descendente durante a entrevista: “ Pra minha filha conhecer o Mineirão. Ah, precisava conhecer, que é ela cruzeirense e tal. Falavam comigo, falei, então nós⁴ vamos no jogo!” (Entrevistado 07). Inclusive,

³ O Banco do Estado de Minas Gerais (BEMGE) foi uma rede de agências bancárias do estado de Minas Gerais, era o banco estatal controlado pelo governo mineiro. Fundado em 1967 a partir da união entre o Banco Hipotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais e o Banco Mineiro da Produção. O banco foi privatizado em setembro de 1998, tendo sido adquirido e incorporado ao Banco Itaú.

⁴

ele passou por situações de repensar a suas formas de ida ao estádio, pois tinha muita cautela com situações que fogem do controle dele, preocupando-se bastante com sua filha

“Quando eu parava no Mineirinho, toda vez que eu voltava e tinha jogo do Atlético, os torcedores do Atlético ficavam abordando. E tinha uns que jogavam cerveja no carro e eu já ia com a minha filha nessa época. Aí eu falei para ela, já não está dando mais para ficar aqui no Mineirinho, não. Tem que procurar outro lugar então. Aí eu fui procurar já os lugares para parar um pouco mais longe do Mineirão. Mas continuamos indo” (Entrevistado 07, 2025).

Neste trecho, o relator revela o cuidado e moderação com suas idas ao “Gigante da Pampulha”.

A busca pelo conforto e segurança, conforme a sociabilidade dos torcedores vai se moldando. Se ele trata que os torcedores do Atlético começaram a se socializar no local que ele estacionava o seu carro, e isso trouxe uma situação de perigo, tanto para ele quanto para a sua descendente, o mesmo teve que procurar novas formas de obter segurança em sua ida ao estádio. Ainda assim, ele não deixou de frequentar o estádio.

A partir desse relato, podemos perceber que o Mineirão passou a exercer um papel de território para as torcidas de Cruzeiro e Atlético, de tal modo que soava perigoso invadir o espaço do outro. Campos (2016) mostra que iniciou-se um movimento de operações de separação feito pelas autoridades, pensando na segurança do público como um geral, com os torcedores de ambos os clubes se dirigindo ao estádio por vias de acesso contrárias, com o estádio também sendo dividido em dois, estabelecendo então um “território cruzeirense” e um “território atleticano” (CAMPOS; 2016; p.98).

É intrigante pensar que muitas pessoas poderiam deixar de frequentar locais em que não se sentem seguros, mas o Mineirão, por ser o espaço em que o seu clube jogava e que se identifica muito: “O Mineirão é Cruzeiro e o Cruzeiro é o Mineirão! É a “toca três”. Não tem outro!”. Para o Entrevistado 07, além da sua identificação e a relação com sua filha, “O Mineirão significa lazer. É uma obra monumental” (Entrevistado 07).

Os relatos aqui analisados demonstram a influência de um estádio como o Mineirão na vida das pessoas e em suas relações que vão muito além de uma simples partida. Conforme aponta Marczal (2019)

“o desenvolvimento histórico da modalidade (futebol) enquanto fenômeno sociocultural de massas possibilita a articulação dos discursos e sujeitos. [...] É a potência da modalidade enquanto mecanismo de confecção de redes de sociabilidade – seja como representação identitária, catalisador de um sentimento de pertença, ou como espetáculo próprio da cultura de massas capaz de atrair a atenção popular – que possibilita sua articulação enquanto um lugar de produção de discursos” (MARCZAL, 2019; p. 256).

Marczal (2019) nos faz refletir sobre a essência do futebol, não apenas como um jogo, mas como um "fenômeno sociocultural de massas" capaz de tecer redes de sociabilidade, como apontado em Baechler (1992). Essa compreensão teórica ganha sentido através das memórias e experiências daqueles que fizeram do Mineirão um grande centro de suas existências, relações e histórias.

Ao longo das entrevistas, percebemos a "potência da modalidade" (MARCZAL, 2019) se manifestar de formas diversas. O Mineirão, em sua grandiosidade inicial, atraía milhares de pessoas não só de Belo Horizonte, e não só em jogos, mas para eventos universitários, celebrações religiosas e vários outros. Sendo assim, um espaço multifacetado para a prática do lazer. Esse "sentimento de pertença" citado por Marczal (2019), é visível até mesmo, na mobilização de um bairro para apoiar um jogador local ou na paixão e frequência herdada de avôs e pais, podendo ser categorizada como as "redes de sociabilidade", tratada pelos autores citados.

Enfim, todas essas vivências são fundamentais para moldar a memória, a nostalgia e a própria identidade de cada um, garantindo o Mineirão como um palco de jogos, de afeto e de lembranças.

CAPÍTULO 5 - Torcendo no Gigante

Em junho de 1950, foi inaugurado o estádio Independência (NETO, 2017), na época sob domínios da equipe do Sete de Setembro. Por muito tempo, ele foi o maior palco de práticas esportivas de Minas Gerais e também foi muito importante na relação afetiva do Entrevistado 07

“Aí um dia ele me levou para um Cruzeiro e Atlético, lá no Independência, ficando a torcida lá da rua Pitangui. É que o Independência era muito interessante, os vestiários ficavam debaixo da arquibancada assim, uma portinha, o pessoal entrava, ficava do outro lado, aí ficava assistindo. E esse meu tio é muito interessante. Ele ia lá em cima, eles estavam assistindo o jogo. Na hora que o Cruzeiro ia para o ataque, assim, chegava, estava lá, eles desciam na arquibancada e ficavam lá no murão, lá berrando, aí eu sentadinho lá, não saía lá, né? Com medo de perder e tudo mais. Aí o negócio acalmava e ele voltava” (Entrevistado 07, 2025).

Porém, com o início do desenvolvimento da população belorizontina e consequentemente do futebol mineiro, as estruturas do “Campo do Sete” já eram ultrapassadas e não serviam mais para a evolução do desporto. Além disso, os torcedores sentiam falta de algo que realmente representasse a grandeza do estado de Minas Gerais

“Antes do Mineirão [o futebol mineiro] não tinha destaque! Mulher não podia ir no campo, primeiro passo, mulher não podia ir no campo. Eram os homens que iam... quando não era no 7 de Setembro, era no campo do Atlético ou do Cruzeiro, mas era limitado, não ia todo mundo, então o Mineirão foi um marco no futebol Mineiro, uai” (Entrevistada 01, 2025).

É importante explicitar que “são os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história” (DELGADO; 2003, p.10) Assim, na fala da Entrevistada 01 é muito relevante ser destacado o machismo que o futebol da época trazia atrelado às estruturas de uma sociedade patriarcal, limitando o público, para acompanhar os seus respectivos times.

Em 1965 foi inaugurado o Mineirão, palco que evidentemente revolucionou o esporte mineiro. O relato do Entrevistado 06 nos expõe a sua visão sob o espaço esportivo

“E eu tinha uma noção de coisas grandiosas. Eu tinha, assim, na minha cabeça de 15, 16 anos, as pirâmides do Egito. Toda vez que alguém falava de alguma coisa grande, eu imaginava as pirâmides do Egito. A gente estudava História e tinha as pirâmides do Egito. Aí, a hora que eu vi o Mineirão, eu falei, noh, é maior que as pirâmides do Egito!” (Entrevistado 06, 2025)

Este relato mostra o deslumbre de um torcedor, que pouco anos após conhecer o “Gigante da Pampulha”, muda para a capital do estado e se torna frequente no Mineirão: “Nossa, direto! Na época eu tomava uma cervejinha e tal, ia para o jogo e voltava” (Entrevistado 06).

O Mineirão é muito influente no modo de torcer do Entrevistado 05

“Mas aí, quando Minas teve, assim, aquele movimento de impulsionar o futebol do interior, eu digo interior, tirando fora do eixo o Rio-São Paulo, que foi construção do Mineirão, e aquela goleada do Cruzeiro em cima do Santos, naquele dia que o Cruzeiro foi campeão, eu larguei o Vasco, que o Vasco também não me dava muita alegria, e passei a torcer para o Cruzeiro. Aí eu fui um torcedor muito fiel, e de assistir todos os jogos, aqui em Belo Horizonte, eu assistia praticamente todos, difícil faltar um” (Entrevistado 05, 2025)

O entrevistado relata como o Mineirão e o sucesso do futebol mineiro, impulsionado pela goleada do Cruzeiro sobre o Santos, foram decisivos para a sua mudança de time. Desapontado com o Vasco, ele foi atraído pela ascensão do Cruzeiro e se tornou um torcedor fiel, acompanhando de perto quase todos os jogos.

A inauguração do estádio é muito bem vista pelas mulheres da época, prevendo uma possível esperança de inclusão das fãs do esporte

“Já era cruzeirense! Mas não ia no campo né?! Era só no ‘sete’, e a gente não ia né?! Então a gente teve a oportunidade de depois do Mineirão ficar mais ligado ao Cruzeiro!” (Entrevistada 01).

Pelos relatos de todas as entrevistadas, é irrefutável que houve uma melhora significativa da inclusão das mesmas ao estádios, porém, a Entrevistada 04 relata algumas situações problemáticas observadas na praça esportiva

“Existiam os rapazes, principalmente os homens mais fortes, que levavam a sua gatinha pra receber o assobio. Então, eu tenho muito presente essa memória de passar aquelas meninas bonitas,

naquele degrau de passagem, não sei se você tem presente, né? Tem arquibancada, um degrau de passagem e o resto é arquibancada. Então, eu tenho essa memória de sempre uma menina muito vistosa passando, o cara fortão atrás, provavelmente o namorado, e o povo fazendo os escarcéu, assobiando...gostosa e tal. Então, eu tenho essa memória. Desrespeitoso, mas muito presente naquela década de 80, mais ou menos. Muito presente! Então tinha esse personagem feminino no futebol, que era a namorada do atleticano. Não era a menina torcendo, era a namorada do atleticano! Então essa menina torcendo, eu acho que a gente começa a ver agora. Antes a gente era só a acompanhante. Não entendia de futebol, não sabia o que era futebol. Então qualquer comentário que a gente fizesse, do time, era olhado como “o que essa menina está falando?”[...] No caso das crianças, não tem com quem deixar, o pai quer ir ver o jogo, leva a menina para assistir. Entendeu?” (Entrevistada 04, 2025)

Se nos basearmos na fala da entrevistada, observamos um caso contundente de objetificação das mulheres no estádio. Essa relação de gênero, é uma representação da sociedade (CAMPOS, 2010)

essa incorporação [das mulheres] apresenta alguns obstáculos e preconceitos, entre os quais, a dificuldade de legitimação da mulher como cidadã que é capaz de ter um pertencimento clubístico e interessar-se pelo jogo de futebol, compreendendo-o em seus aspectos técnico-tático, econômico, social, político e cultural. Esse quadro sucede pela construção histórica em torno do futebol e da imagem da mulher (e do homem) na sociedade (CAMPOS, 2010 p.21).

Campos (2010) expõe o machismo presente com o público feminino que se interessava pelo futebol, assim relacionando com a fala da Entrevistada 04, quando ela relata a opinião das mulheres sendo censurada e ridicularizada pelos homens presentes na arena esportiva.

Os estádios de futebol são espaços capazes de armazenar todo tipo de público, mas entendemos, que principalmente nos anos iniciais do Mineirão, a sociedade implicava em diversos problemas sociais, como narra o Entrevistado 06

“Mas já tinha muita coisa que hoje está acertadamente proibida. Muita manifestação racista, muita manifestação homofóbica. Isso existia. E era uma questão, a questão do racismo principalmente, era uma questão quase que cultural, que as pessoas falavam” (Entrevistado 06, 2025).

Os cantos homofóbicos também foram destacados pelo Entrevistado 07

“Dentro do estádio os cânticos eram só palavrão e aqueles cânticos que hoje é homofóbico, aquelas coisas todas, né?” (Entrevistado 07)

Bandeira e Seffner (2013) tratam da homofobia exposta no futebol

“O futebol produz representações de gênero e sexualidade dentro de uma lógica fortemente heteronormativa, machista e homofóbica.[...] Interessa-nos, também, destacar como a homofobia aparece legitimada quando vinculada às práticas do torcer[...] Em muitos momentos, essa homofobia é naturalizada e manifestações dessa ordem não são entendidas como violentas” (BANDEIRA; SEFFNER, 2013, p. 1 à 3).

Já Leal (2020) disserta sobre a questão do racismo presente no ambiente futebolístico

“Observamos que o racismo opera de modos distintos em nossa sociedade, e está presente em todos os segmentos sociais, culturais e políticos, estando, por isso, presente no futebol [...] O racismo no futebol não se manifesta de um modo velado, embora, algumas vezes ocorra disfarçado de piadas e acobertado pela cultura do futebol, visto como o esporte que tem o poder de unir todos, sem distinção de credo, raça, origem etc.. Entretanto, podemos observar que a história do futebol é torneada por práticas racistas, assim como em outros segmentos, apontados anteriormente” (LEAL, 2020, p.57)

Os autores citados demonstraram que as manifestações preconceituosas dentro do estádio são minimizadas, tratadas como culturais, pouco problematizadas e irrisórias. Campos, Melo, Abrahão e Silva (2008) dissertam sobre a necessidade de criação de normas para regulamentação da violência no estádio de futebol

As manifestações violentas no futebol tornaram-se uma questão de segurança pública. Com efeito, em 2003 foi criado o Estatuto de Defesa do Torcedor (EDT). Um dos argumentos que justificaram a criação do EDT foi a necessidade de aperfeiçoar as normas de sociabilidade nos espaços públicos e privados das diferentes práticas esportivas que congregam um público elevado. Desde a promulgação do EDT, os torcedores passaram a contar com uma série de normas de proteção e defesa, ficando sob responsabilidade de clubes e organizadores de competições esportivas implantar o que regulamenta esse estatuto (CAMPOS, MELO, ABRAHÃO, SILVA; 2008; p. 4)

Segundo os dados da Comissão Paz no Esporte, 79% dos torcedores deixaram de ir ao campo de futebol por conta da violência (Campos, Melo, Abrahão e Silva; 2008; p.5). Aparentemente os nossos entrevistados se incluem nestes dados, visto os predominantes relatos de casos de violências assistidas ou vivenciadas pelos mesmos, os distanciando do ambiente do estádio.

Tratando-se do público feminino, há muitas mudanças se compararmos com as situações que foram relatadas pelas mulheres entrevistadas, e essa questão foi destacada pela Entrevistada 04 : “Então a gente não tinha muito essa discussão. Agora é que eu acho que essa discussão acontece[...] Então, acho que a chave muda, graças a Deus, agora mais para 2020” (Entrevistada 04, 2025).

Relativo às manifestações homofóbicas e racistas, foi estabelecido pela Lei Geral do Esporte, as condições de permanência em recintos esportivos incluem a proibição de manifestações discriminatórias

Art. 158. São condições de acesso e de permanência do espectador no recinto esportivo, independentemente da forma de seu ingresso, sem prejuízo de outras condições previstas em lei:
IV - não portar ou ostentar cartazes, bandeiras, símbolos ou outros sinais com mensagens ofensivas, ou entoar cânticos que atentem contra a dignidade da pessoa humana, especialmente de caráter racista, homofóbico, sexista ou xenófobo;
(BRASIL, 2023, Art. 158, IV)

Apontamos diversas histórias de como o Mineirão moldou a identidade e o pertencimento das pessoas pelo seu respectivo time e pela cidade. Porém, se o indivíduo não souber moldar os sentimentos, cada atitude, pode se tornar demasiadamente elevada ao convívio social. Essas manifestações podem ser (ou devem ser) interpretadas como atos de violência - demonstradas através de cânticos, verbalmente e fisicamente - essas diversas formas de violência no estádio ou ao redor dele, foram muito citadas pelos entrevistados, que em muitos casos, adquiriram receio de frequentar o espaço esportivo pela falta de segurança, segundo Padilha (2022)

⁵ O Estatuto do Torcedor (Lei 10.671/2003) define direitos e deveres para torcedores, clubes e órgãos públicos em eventos esportivos. Trata de segurança nos estádios, acesso aos jogos, venda de ingressos, combate à violência e proteção dos direitos dos torcedores, entre outros aspectos relacionados.

“o grande problema ocorre quando se é deixado de lado o espírito esportivo e de competição saudável do futebol, notadamente entre as torcidas, para dar espaço à ira e à agressividade incontidas que proporcionam uma série de consequências prejudiciais ao espetáculo esportivo” (PADILHA, 2022, p.11)

Essa questão passa a ser uma das maiores tensões e desafios enfrentados pelo futebol. No ano de 2023, por exemplo, o Observatório Social do Futebol registrou 30 mortes violentas de torcedores em violências ligadas ao futebol (OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL, 2024),

A questão da violência no Mineirão aparece como centralidade na fala de alguns entrevistados, influenciando na sua relação com o Mineirão. A Entrevistada 04 relata a desistência do seu pai: “Papai parou, não gostava mais, porque aí começou a ficar um pouco mais violento as idas, né?!” (Entrevistada 04). Reforçando também o seu próprio sentimento sobre o assunto: “agora se você vira de lado e fala alguma coisa, o cara está te xingando, está te batendo, está te agredindo, então acho que isso me afastou um pouco” (Entrevistada 04).

O Entrevistado 05 também compartilha dos mesmos pensamentos da entrevistada anterior: “Eu fui perdendo o interesse com o Mineirão por alguns aspectos. Primeiro... a violência” (Entrevistado 05).

O Entrevistado 06 também relata um cenário de violência que o fez não ir mais à clássicos no Mineirão

“Muita violência. Você via pessoas armadas, tiro, aí você ficava receoso, fica até hoje, você vai, na volta, uma torcida espera a outra, Atualmente eu não vou de ônibus mais, mas assim, é bem complicado. Então assim, Cruzeiro e Atlético eu não vou mais, mesmo quando é torcida única, porque o futebol, na minha concepção, é uma coisa lúdica, mas não de guerra[..] Mas o principal é a questão da violência. E também, eu já não tenho tanto ânimo quanto eu tinha” (Entrevistado 06, 2025).

Por fim, o Entrevistado 07 já relativiza o surgimento das torcidas organizadas e os movimentos e manifestações das organizações, com a sua preocupação de ida ao Mineirão: “Já estava assim e tal. E fora do estádio já estava começando a vir disputa de organizada, quem controlava o espaço, aquele negócio todo. Eu falei, ah, eu não estou gostando muito disso não” (Entrevistado 07, 2025).

As precauções dos torcedores são justificadas pelos fatos. Há diversos dados que mostram as várias violências dentro e fora do estádio de futebol, como mostram os estudos do Observatório Social do Futebol (2024): “87% eram referentes à violência física, 11% violência verbal e apenas 2% eram notícias acerca de outros tipos de violências [...] Em referência aos episódios de confrontos físicos tivemos o registro de 138 casos (OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL, 2024).

Nesse quesito, o Entrevistado 02 vivenciou uma situação muito delicada

“E no fim, eu parei de ter essa frequência, porque um dia eu descendo do Mineirão, eu e meu filho já, eu vi uma torcida organizada quase matar um rapaz de uma outra torcida organizada também do Cruzeiro. Aquilo não entrou na minha cabeça. Precisou de eu entrar no meio, e eu já era mais de idade também, tive que entrar pra separar, para segurar os meninos, falei “gente, vocês vão matar esse rapaz, para com isso!”. Então rapaz, isso aí me desiludiu tanto. É inadmissível por causa de esporte você quase matar uma pessoa, e a gente já viu isso muitas vezes. Hoje você vê e não entende, parar um ônibus em uma estrada, três, quatro dias depois de um jogo, e agredir e matar gente, por causa de esporte, é um negócio meio complicado. Me tirou a ilusão de ir ao Mineirão, tem muito tempo que não vou” (Entrevistado 02, 2025).

O relato do Entrevistado 02 é impactante e justifica o seu desinteresse pela continuidade no Mineirão. Mas não só o convidado, como todos os relatos juntos, reforçam o discurso do estádio como um local violento, inseguro, inacessível.

É evidente que nem todas as formas de torcer são iguais, pelo contrário, os torcedores possuem diversas formas de se expressar, como as músicas e cânticos, como descreve o Entrevistado 06

“Tinha as charangas, né, que no começo era muito bacana, né, tinha a charanga do Júlio, do Cruzeiro, do Aldair Pinto, tinha uma outra que eu não me lembro. Tocavam marchinhas de carnaval, alguma coisa assim, falando do time, mas sem agressividade [...] Você levantava o seu sem necessariamente rebaixar o adversário. Você tinha muito disso, dessas músicas” (Entrevistado 06, 2025).

Essas “marchinhas” e demais formas de expressões do tipo são intituladas como “manifestações culturais” pelo entrevistado. A partir daí, ele relaciona demais movimentos culturais espalhados por Belo Horizonte e demais regiões. Durante a entrevista, ele criticou os altos valores e a elitização do futebol.

Os valores gastos nas idas aos estádios foram questões muito citadas, como forma de crítica

“Então é uma grana que eu acho que as pessoas não tem mais, como a gente tinha de todo final de semana ir. [...] Eu acho que ficou muito caro” (Entrevistada 04, 2025).

O Entrevistado 06 se mostrou indignado pela exclusão de uma parte da sociedade dos estádios

“O Mineirão perdeu o acesso, pelos preços que eles cobram, as pessoas mais pobres dificilmente têm acesso. Se você imaginar que a entrada mais barata é 10% de salário mínimo, perdeu essa frequência [...] Eu já li que na Espanha, em Portugal, na Itália, depois que todos os jogos passaram a ser mostrados pela TV, elitizou o comparecimento aos estádios por causa do custo de entrada. E eu vejo que isso aconteceu aqui também. Só que isso não diminuiu a violência. Então, perdeu um pouco a essência, eu acho” (Entrevistado 06, 2025).

Além do Entrevistado 05, que detalha as formas de gastos para o deslocamento e a permanência dentro do estádio de futebol:

“Outra coisa, o custo. Você tem um custo para transporte, você tem um custo de ingresso e você tem um custo da cerveja e do lanche lá. Então, se você fizer alguma besteira, você está gastando 400, 500 reais” (Entrevistado 05, 2025).

Os preços (tanto dos ingressos, quanto da permanência e alimentação) condicionados a violência, afastaram todos estes torcedores mencionados. Mas vale ressaltar a idade dos entrevistados, que irrefutavelmente, torna mais complicada a logística de deslocamento, o vigor e o entusiasmo destas pessoas pelas idas ao estádio.

Muitos dos entrevistados frequentavam o Mineirão em setores populares, como cita a Entrevistada 04

“Quando a coisa apertava, a gente ia para a geral, ficava assistindo o jogo na geral, e para mim não tem lugar melhor, foi uma pena que acabou, foi uma pena que ele elitizou, até o Mineirão. Porque os personagens encontrados ali na geral era uma coisa deliciosa” (Entrevistada 04,2025).

Um fato curioso citado pela entrevistada é quando ela trata dos “personagens” que frequentavam o setor do estádio, reforçando que aquele espaço armazenava todos os tipos de público, com diferentes histórias, e de diversas formas de se apresentar, principalmente pelo baixo valor do ingresso, multifacetando o seu público. Há também uma vangloriação da geral por parte do Entrevistado 06

“eu adoro o Mineirão. Eu acho o Mineirão, antes da reforma mais romântico. O Mineirão era mais romântico, e a geral né, assim, às vezes eu ia pra geral por gostar de ir na geral. Tomavam os negócios, os líquidos que vinha de cima lá, mas isso não tem problema. Era muito bacana. E o público mudou também’ (Entrevistado 06, 2025).

O estádio, que em seus anos iniciais, era dividido entre arquibancada nos setores superiores e a “geral” na parte inferior do estádio, era segregado também pelas regiões em que as torcidas de cada clube se organizavam, como explica o Entrevistado 07: “Porque a torcida do Cruzeiro ficava no lado direito, a torcida do América ficava na parte central, e a torcida do Atlético ficava à esquerda lá” (Entrevistado 07). De outra maneira, a torcida do Atlético se localiza na entrada pela Av. Abraão Caram; Já o Cruzeiro na entrada pela Av. Presidente Carlos Luz. É interessante notar as formas de identificação de cada torcida com suas respectivas localizações dentro daquele espaço, que se firmaram até os dias atuais.

Baseado nesta repartição, a falta de informação e a dificuldade de se locomover nos anos iniciais do Mineirão acabou colocando a Entrevistada 01 em situações de risco

“chegava lá no estádio e dividia né?! E acontece que uma vez, eu fui com uma camisa azul e uma calça branca. Sabe quando você veste uma roupa e não tá nem pensando? E era dia de jogo de Atlético e Cruzeiro, aí na hora de entrar no estádio, a gente não conhecia qual que era o lado que era do Cruzeiro e qual que era o lado de Atlético, aí o pessoal que foi comigo entrou no corredor que era pra entrar na torcida deles e eu e Mariinha acompanhamos, aí na hora de chegar lá, menino, eu tomei tanta “coisa” de laranja, por conta da blusa azul que eu tava com ela [...] eu queria passar para o lado do Cruzeiro, então eu fui beirando ali, no contorno, que era o único lugar que estava vazio, porque estava muito cheio, e até chegar na torcida do Cruzeiro eu ganhei muita vaia, muita” (Entrevistada 01, 2025).

O processo de separação das torcidas foi sendo construído com o tempo com o aumento da rivalidade entre as equipes, pois antes era comum assistir aos jogos juntos, principalmente nas cadeiras cativas. Embora a identificação atual com setores e localizações no “Gigante da Pampulha”, a fala da Entrevistada 01 mostrou que nos anos iniciais essa divisão ainda não era bem difundida para o público geral. Foi exposto também que na década de 1960 a rivalidade entre Cruzeiro e Atlético já era ativa e intensa.

É curioso que mesmo diante do fato exposto, o Entrevistado 07 admite que devido às cadeiras cativas adquiridas começou a frequentar o estádio constantemente, até mesmo em jogos de clubes rivais

“Nós íamos em todos os jogos. Cruzeiro, Atlético e América. Assistimos todos os jogos no Mineirão. Era jogo no Mineirão, nós íamos! A noite e sábado e domingo, porque não tinha espaço durante o dia. No dia de semana, durante o dia, não tinha espaço pessoal. Basicamente, todos os jogos. Quando eu passei no vestibular, fui estudar à noite em 1974, aí começou a ficar uma dualidade entre o estádio e a faculdade. Mas eu arranjei um esquema tão legal assim, que às vezes umas matérias que eu era bom nelas, aí eu falava, hoje vou assistir o jogo, tem um jogo legal, então eu vou trocar o jogo pela matéria. Jogo diário, rodada dupla, de manhã à noite, de manhã até tarde, à noite e tal, eu ia” (Entrevistado 07, 2025).

O entrevistado ainda contava com uma facilidade na locomoção ao estádio

“Aquele estacionamento lá de fora, ele era sensacional. Chegava com o carro lá, tinha só para sentar a carteirinha da cativa, eu entrava, parava, tinha lugar, não tinha problema nenhum. E aí eu encontrava o pessoal, a turminha lá, fazia as nossas bebidinhas lá, antes dos bares, o tropeiro, cerveja, coisas lá. Não tinha confusão, não tinha nada, gente, era muito tranquilo. Lá na parte que eu ficava, né?” (Entrevistado 07, 2025).

Na visão do Entrevistado 07, sob o olhar de um status social um pouco mais elevado (visto que possuía condições de aquisição das cadeiras cativas) as confraternizações com amigos já era um costume do próprio. O que não dialoga a opinião do Entrevistado 02: “Não tinha naquela época, o que se tem hoje, aquela festa de churrasco em volta, aquela confusão que é hoje, antes de começar o jogo...Você chegava e entrava!” (Entrevistado 02). A ‘confusão’ citada por ele, podem ser consideradas as resenhas e confraternizações dos torcedores, com o objetivo de união e “aquecimento” para o jogo.

Se pensarmos que os anos iniciais do Mineirão, eram marcados por um período de Regime Militar no Brasil e manifestações culturais pelas classes sociais mais desfavorecidas eram recriminadas (BRASIL, 2022), entendemos que havia receio por partes dos torcedores de se expressarem fora dos estádios, causando desconforto e sensação de desordem para as autoridades que regulamentavam a sociedade da época.

Compreendemos ser muito diferentes as formas de torcer dos mineiros após a inauguração do Mineirão, as mulheres vem ganhando cada vez mais espaço nas arquibancadas, o que não ocorria antes do estádio. Mas infelizmente, não consegue mais acolher a população das classes sociais inferiores, que perderam espaço diante de preços inacessíveis para elas, e isso foi bastante ressaltado por alguns entrevistados. A violência foi outro tópico majoritariamente abordado, trazendo a sensação de insegurança dos entrevistados. O que se espera é que as autoridades competentes devam tomar cada vez mais providências para conter os casos expostos de violência e fazer do estádio, um local agradável, seguro e confortável para todos os tipos de públicos, afinal de contas: “se o futebol é um problema sociológico vital, as suas violências são um problema social urgente (DURAN; SOUZA, 2024, p. 184 à 204)”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou explorar a relação entre o Estádio Mineirão e a população de Belo Horizonte antes e após a inauguração em 1965, em alguns momentos fazendo paralelos entre o “pré” e o “pós” Mineirão. Mais do que uma mera estrutura arquitetônica, o espaço foi mencionado como um centro de memórias coletivas, transformações urbanísticas e um importante marco para a identidade cultural e a sociabilidade dos mineiros.

A construção do Mineirão, impulsionada pela crescente cultura futebolística em Belo Horizonte e pelo desejo de superar um sentimento de inferioridade em relação a São Paulo e Rio de Janeiro, representou um sentimento de redenção para os torcedores que se viam distantes do eixo Rio-São Paulo. O palco que foi elogiado por sua imponência, foi também uma peça fundamental para a região em que se abriga, fazendo que consequentemente, houvesse a construção de novas vias, casas, comércios e favorecendo a ampliação da Avenida Antônio Carlos, alterando assim, a dinâmica urbana da cidade.

O Mineirão integra o seu bairro ao restante de Belo Horizonte pela facilidade de acesso e se tornou um polo turístico e cultural para a capital mineira. O "Gigante da Pampulha" não é apenas um monumento físico, mas um espaço que armazena emoções coletivas e molda a identidade e a sociabilidade dos torcedores. A liberdade de se expressar, a paixão e os laços afetivos vivenciados no estádio foram constantemente mencionados pelos torcedores, destacando-o como um ambiente único para a liberação de sentimentos e a união de diferentes tipos de pessoas em torno do objetivo único, o de apoiar seus respectivos times.

Por fim, o Mineirão é um palco de muitos laços: entre família, amigos e cônjuges, fazendo dele um centro de memórias, lembranças, nostalgia e liberdade é o maior palco do futebol mineiro e abriga, dentro dele, muitas histórias.

REFERÊNCIAS:

BAECHLER, Jean. **Grupos e Sociabilidade**. In: BOUDON, Raymond (Org.). **Traté de sociologie**. [Universitaires de France], 1992. p. 64-107. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=6ei7ZHqL_lkC&oi=fnd&pg=PA65&dq=grupos+e+sociabilidade&ots=xGvjjCI9bh&sig=ejb7hiVywsW3WZJQ91BY31n-HYc&redir_esc=y#v=onepage&q=grupos%20e%20sociabilidade&f=false .

Acesso em: 21 jul. 2025.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. **Futebol, gênero, masculinidade e homofobia: um jogo dentro do jogo**. Espaço Plural, Marechal Cândido Rondon, v. 14, n. 29, p. 246-270, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. ed.2 São Paulo: T.A. Queiroz; Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo; 1987.

BRASIL. **Lei nº 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 15 jun. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/l14597.htm. Acesso em: 21 jul. 2025.

BRASIL. Memórias Reveladas. **A ditadura, as artes e a cultura**. Disponível em: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/destaques/a-ditadura-as-artes-e-a-cultura>. Acesso em: 19 jul. 2025.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **As formas de uso e apropriação do estádio Mineirão após a reforma**. p 1-313 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira. **Mulheres torcedoras do Cruzeiro Esporte Clube presentes no Mineirão**. 2010. p. 1-142; Dissertação (Mestrado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, UFMG; Belo Horizonte, 2010

CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; SILVA, Silvio Ricardo da. **O futebol como instrumento para as transformações urbanas em Belo Horizonte/MG**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA; UERJ, Rio de Janeiro; p. 2-16; 2013.

CAMPOS, P. A. F.; MELO, M. A. ; ABRAHAO, B. O. L. ; SILVA, S. R. . **As determinações do Estatuto de Defesa do Torcedor sobre a questão da violência: a segurança do torcedor de futebol na apreciação do espetáculo esportivo**. REVISTA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, v. 30, p. 9-24, 2008.

CARSALADE, Flavio de Lemos; MORAIS, Pedro. **O Conjunto Moderno da Pampulha como Patrimônio Cultural da Humanidade**. [S. l.: s. n.], [s.d.]; p 1-15.

DAMO, Arlei Sander. **Dos grounds às arenas as quatro gerações de estádios brasileiros em perspectiva antropológica**. Museologia e Patrimônio, v. 14, n. 1, p. 1-246, 2021.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades**. História Oral, [s. l.], n. 6, p. 9-25, 2003.

DURAN, Nicolás Eduardo Cabrera; SOUSA, Raquel de Oliveira. **Violências no futebol brasileiro: uma análise dos casos registrados em 2023**. História debates e tendências, [s. l.], v. 24, n. 3, p. 184, 2024.

FERREIRA, Erick Alan Moreira; SILVA, Luciano Pereira da. **O Mineirão e a nova perspectiva do futebol mineiro**. [S. l.: s. n.], [s.d.]. p.1-23.

FONSECA, Venilson Luciano Benigno. **Lugares e territórios na cultura do futebol brasileiro**. 2014. 313 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

LAGEMANN, Frederico. **Análise do sentimento de segurança dos torcedores no estádio de futebol: um estudo a partir da instituição do JECrim no Estádio Olímpico Monumental**. 2010. 66 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso)

– Departamento de Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990. Título original: *Storia e memoria* (Coleção Repertórios).

LEAL, Ângela Maria Leite. **Racismo no futebol: uma análise das práticas racistas nos estádios de futebol brasileiros**. 2020. p. 1-67 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2020.

LOTT, Wanessa Pires. **A política do esporte e a construção do estádio Mineirão**. FuLiA/UFMG, Belo Horizonte; v. 5, n. 2, p. 1-21; 2020.

MARCZAL, Ernesto. **O futebol como signo de sociabilidade: discursos em torno do boicote à Copa do Mundo da Argentina de 1978**. In: DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos (Org.). **O que é Sociabilidade**. São Paulo; Intermeios, p. 238-256, 2019.

MASCARENHAS, Gilmar. **Pacificação e exclusão: o estádio de futebol na produção da cidade-espetáculo**. In: ENANPUR, 16; p. 1-14; Belo Horizonte; 2015.

NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 1-16; 1993.

OBSERVATÓRIO SOCIAL DO FUTEBOL. **Violências no futebol brasileiro: relatório do Observatório Social do Futebol**. Coord. Leda Costa; Nicolás Cabrera et al. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2024.

RIGO, Luiz Carlos; SILVA, Silvio Ricardo da. **Cicatrizes do Futebol**. Motus Corporis, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 128-140, nov. 1998.

SANTOS, André dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Revista Digital - Efdeportes.com**, Buenos Aires, ano 10, n. 87, ago. 2005.

Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd87/minerao.htm>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SEIXAS, W.; SIMÕES, A.; RIBEIRO, C. H. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: Lastro Editora, 2005.

SOARES, José. **Memória e Sociedade em Ecléa Bosi: uma leitura metodológica e sociológica**. Revista Espaço Livre; p. 17-33; 2022.

SOUSA, José Raul de; SANTOS, Simone; **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer**. Pesquisa e Debate em Educação; UFJF, Juiz de Fora; v. 10, n. 2, p. 1396 - 1416; 2020.

SOUZA NETO, Georgino Jorge de. **Do Prado ao Mineirão: a história dos estádios na capital inventada**. 2017. p. 1-147; Tese (Doutorado em Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte

APÊNDICE

1. Você chegou a acompanhar as notícias sobre as obras de construção do Mineirão?
2. Qual era a expectativa sobre o que o Mineirão poderia trazer?
3. Antes do Mineirão, como você acompanhava o futebol? (e o Futebol Mineiro?)
4. A partir da construção e inauguração do Mineirão, mudou algo? (torcia para que time)
5. Você foi na inauguração do Mineirão?

Se sim, poderia descrever como foi esse momento?

Se não, você chegou a acompanhar esse momento? Como?

6. Que tipo de jogos e eventos eram realizados no estádio nos primeiros anos? Você participou de algum?

Como era?

7. Para você, como o Mineirão contribuiu para a identidade de Belo Horizonte?
8. Para você, como o Mineirão contribuiu para o desenvolvimento do futebol mineiro?
9. Com quem você costumava ir aos jogos no Mineirão?

Quais costumes vocês tinham?

Como vocês iam aos jogos?

10. Quais são suas memórias mais marcantes relacionadas ao Mineirão
11. Atualmente, você frequenta o Mineirão? (quando você parou? Por que você parou?)
12. O que o Mineirão significa para você? (antes, hoje...)